

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Joselma Gomes da Silva

**ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFRENTAMENTO NO TRABALHO: um estudo
com docentes da rede pública do Ensino Fundamental do 1° ao 5° ano do
município de Imperatriz (MA)**

Imperatriz – MA
2016

JOSELMA GOMES DA SILVA

**ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFRENTAMENTO NO TRABALHO: um estudo
com docentes da rede pública do Ensino Fundamental do 1° ao 5° ano do
município de Imperatriz (MA)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Economia, Contabilidade e Administração da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento, Gestão e Avaliação do Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof. Dra. Nancy Julieta Inocente

JOSELMA GOMES DA SILVA

**ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFRENTAMENTO NO TRABALHO: um estudo
com docentes da rede pública do Ensino Fundamental do 1° ao 5° ano do
município de Imperatriz (MA)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Economia, Contabilidade e administração da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento, Gestão e Avaliação do Desenvolvimento Regional

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. _____

Universidade*****

Assinatura _____

Prof. _____

Universidade*****

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço de maneira especial à Faculdade de Imperatriz (FACIMP), pelo apoio dado em todos os momentos desta trajetória e por ter concedido condições de nos ausentarmos para a realização deste momento.

À minha querida orientadora, Prof. Dra. Nancy Julieta Inocente, pelo compartilhamento do seu amplo conhecimento, pela dedicação, zelo e carinho como sempre me atendeu frente a todas as necessidades deste processo.

À minha querida Mariana Martinuzzi (*in memoriam*) pela companhia em todo o período de aulas presenciais. Fomos, além de companheiras de quarto, também incentivadoras uma da outra, rumando ao término de mais esta etapa de estudos.

Aos meus familiares, de modo especial ao meu esposo Edilson Rodrigues de Sousa, pela compreensão frente a todos os desafios desta etapa de aprendizagem.

A todos os professores do Programa, bem como aos colegas da turma que possibilitaram a oportunidade de um maior conhecimento e a construção de laços de amizade que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

RESUMO

O estresse docente configura-se como um fenômeno complexo e multidimensional, que resulta da interação de fatos individuais e ambientais, muitas vezes com implicações psicossociais relacionadas à saúde ocupacional. A presente pesquisa tem como objetivo investigar o nível de estresse do docente da rede pública do município de Imperatriz (MA) no contexto da sala de aula, bem como as estratégias de enfrentamento desse processo no trabalho. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa, desenvolvida a partir do levantamento *Survey* em uma amostra composta por 310 docentes do ensino fundamental das escolas públicas de Imperatriz. Os dados foram coletados por meio de questionários de identificação da Amostra e do Esforço e Recompensa no Trabalho (ERI), além da escala de Enfrentamento no Trabalho. Na caracterização dos aspectos sociodemográficos constata-se que 21,6% dos docentes têm idade entre 41 a 45 anos; 24,5% trabalham entre 16 e 20 anos; 90,3% são docentes atuantes em sala de ensino fundamental do 1º ao 5º ano; 98,7% são licenciados; 96,5% atuam em sala de aula; 58,7% trabalham o turno completo, matutino e vespertino; 24,5% permanecem em tempo integral na escola; 2,6% fazem tratamento psicológico; e 1,3% confirmam que já realizaram tratamento psiquiátrico. No que se refere ao estresse ocupacional, a prevalência de equilíbrio entre Esforço e Recompensa no Trabalho é de 22,5% e 77,5% dos docentes apresentam desequilíbrio nessa relação. A prevalência do Supercomprometimento no Trabalho é de 70,6% dos docentes em equilíbrio e 24,4% de docentes em risco. Quanto à prevalência das Estratégias de Enfrentamento no Trabalho constata-se que a do controle foi utilizada por 81,6%. Conclui-se com os resultados obtidos que as condições de trabalho não estão favoráveis aos docentes, necessitando de ações preventivas e mudanças organizacionais.

Palavras-chave: Estresse Ocupacional. Enfrentamento. Docente. Gestão.

ABSTRACT

OCCUPATIONAL STRESS AND COPING AT WORK: a study with teachers of the early years of the public in the city of Imperatriz (MA)

Teachers stress appears as a complex and multidimensional phenomenon resulting from the interaction of individual and environmental facts, often with psychosocial implications related to occupational health. This research aims to investigate the teacher's stress level of the public network in the city of Imperatriz (MA) in the context of the classroom, as well as the coping strategies of this process at work. This is a descriptive research with a quantitative approach, developed from the Survey collection on a sample of 310 teachers of elementary school of public schools of Imperatriz. Data were collected through sample identification questionnaires and effort and reward at work (ERW), as well as confrontation scale at work. In characterizing of the sociodemographic aspects it appears that 21.6% of teachers are aged 41-45 years; 24.5% work between 16 and 20 years; 90.3% are active teachers in elementary school room of the 1st to the 5th year; 98.7% are licensees; 96.5% work in the classroom; 58.7% work in full shift, morning and evening; 24.5% remain full time in school; 2.6% do psychological treatment; and 1.3% confirms that have performed psychiatric treatment. In relation to occupational stress, the prevalence of balance between effort and reward at work is 22.5% and present instability in this relationship 77.5% of teachers. The prevalence of overcommitment at work is 70.6% of the balance of teachers and 24.4% of those at risk. As to the prevalence of confronting strategies at work, it appears that the control was used by 81.6%. It concludes with the results that the working conditions are not favorable to teachers requiring preventive and organizational changes.

Keywords: Stress Occupational. Confrontation. Teacher. Management.

Prevenção.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Variáveis entre crescimento e desenvolvimento.....	17
Figura 2	Estresse: fase de alerta	28
Figura 3	Estresse: fase de resistência	29
Figura 4	Estresse: fase de quase exaustão	30
Figura 5	Estresse: fase de exaustão	31
Figura 6	Estressores para docentes	38
Figura 7	Estratégias de enfrentamento de Lazarus e Folkman	42
Figura 8	Localização do Município de Imperatriz	53
Figura 9	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Idade	56
Figura 10	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Gênero ...	58
Figura 11	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Estado Civil	59
Figura 12	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Número de Horas Trabalhadas	60
Figura 13	Representação Gráfica dos dados Sociodemográficos: Tempo de Serviço	61
Figura 14	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Área de Atuação	62
Figura 15	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Regime de Trabalho	63
Figura 16	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Título Acadêmico	64
Figura 17	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Tratamento Psicológico e Psiquiátrico.....	66
Figura 18	Representação Gráfica dos dados sociodemográficos: Categoria Funcional	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Alfa de Confiabilidade	54
Tabela 02	Censo Escolar 2012	58
Tabela 03	Perfil Sociodemográfico - Idade.....	59
Tabela 04	Perfil Sociodemográfico - Gênero	61
Tabela 05	Perfil Sociodemográfico - Estado civil	62
Tabela 06	Perfil Sociodemográfico - Horas trabalhadas	63
Tabela 07	Perfil Sociodemográfico - Tempo de serviço	64
Tabela 08	Perfil Sociodemográfico – Área de atuação	65
Tabela 09	Perfil Sociodemográfico – Regime de trabalho	66
Tabela 10	Perfil Sociodemográfico – Título acadêmico	67
Tabela 11	Perfil Sociodemográfico – Pós-Graduação	68
Tabela 12	Perfil Sociodemográfico–Tratamento psicológico e psiquiátrico	69
Tabela 13	Perfil Sociodemográfico – Categoria funcional	70
Tabela 14	Associação Esforço X Sociodemográfico.....	71
Tabela 15	Associação Esforço X Recompensa.....	72
Tabela 16	Conforto / Incômodo – Esforço e Recompensa	73
Tabela 17	Esforço X Equilíbrio – Equilíbrio e Risco.....	74
Tabela 18	Supercomprometimento X Sociodemográfico	76
Tabela 19	Supercomprometimento no Trabalho.....	77
Tabela 20	Supercomprometimento – Equilíbrio e Risco	79
Tabela 21	Enfrentamento – Controle X Sociodemográfico	80
Tabela 22	Enfrentamento – Esquiva X Sociodemográfico.....	81
Tabela 23	Enfrentamento – Manejo X Sociodemográfico.....	83
Tabela 24	Enfrentamento no trabalho	84
Tabela 25	Enfrentamento dos docentes de Imperatriz.....	85

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Problema	11
1.2	Objetivos	11
1.3	Delimitação do estudo	12
1.4	Relevância do estudo	12
1.5	Organização do trabalho	13
2	REVISÃO TEÓRICA	14
2.1	Lugar da Educação no Processo de Desenvolvimento Regional	14
2.2	Trabalho Docente no Contexto Brasileiro	19
2.3	Estresse e Estresse Ocupacional.....	23
2.3.1	Fases do Estresse	26
2.3.2	Estresse Ocupacional	31
2.3.3	Estresse Docente	35
2.4	Estratégias de Enfrentamento no Trabalho (<i>coping</i>) dos Docentes Frente ao Estresse Ocupacional	40
3	MÉTODO	46
3.1	Tipo de Pesquisa	46
3.2	Área de Realização	47
3.3	População e Amostra	49
3.4	Instrumentos	50
3.5	Procedimentos de Coleta de Dados	51
3.6	Procedimento de Análise de Dados	51
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	53
4.1	Caracterização da Área de Estudo	53
4.2	Resultados do Perfil Sociodemográfico	55
4.3	Teste de Associação e Cruzamento de Dados entre ERI (Esforço e Recompensa) e variáveis sociodemográficas	67
4.5	Teste de Associação e Cruzamento de Dados entre Supercomprometimento e variáveis Sociodemográficas	72
4.6	Teste de Associação e Cruzamento de Dados entre Enfrentamento e variáveis sociodemográficas	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS.....	84
	ANEXOS.....	91

1 INTRODUÇÃO

Destaca-se a importância do trabalho na vida do indivíduo para a construção das relações entre o seu modo de ser e o mundo. Compreende a sua saúde como um modelo plural que envolve, de maneira direta, tanto fatores objetivos quanto subjetivos. Desse modo, a interação entre essas duas dimensões passa a compor o quadro de saúde e também se torna um dos principais dispositivos do processo de adoecimento (CODO, 2004).

O estresse ocupacional ocorre como consequência de uma relação de extrema complexidade entre várias instâncias, como condições de trabalho, habilidades do trabalhador e condições externas para o trabalho. Essas relações quando contínuas provocam consequências sob a configuração de problemas, passando a comprometer a saúde do indivíduo no contexto das organizações, seja ela de qualquer natureza (STACCIARINI; TROCOLLI, 2002).

Diante da situação estressora vivida pelo trabalhador, achar meios para superá-la por se entender que o trabalho faz parte da construção do próprio homem caracteriza-se como uma necessidade. Manejar de forma adequada os problemas do dia a dia no trabalho é o que se busca com as estratégias de enfrentamento.

As estratégias de enfrentamento são entendidas como a capacidade de o sujeito enfrentar os problemas que surgem no contexto do trabalho como um processo que pode modificar-se pela sua própria atuação no ambiente (PINHEIRO; TROCOLLI; TAMAYO, 2003).

Trata-se de um esforço cognitivo e comportamental para tolerar, aceitar, tentar controlar as situações internas e/ou externas que o organismo compreende como desafios a serem superados (FERNANDES; INOCENTE, 2010).

Nesse sentido, Tardif (2014) cita as situações objetivas dos professores, como o aumento da carga de trabalho, horas ampliadas, flexibilidade e a necessidade de levar atividades para casa, o que deixa o trabalho docente muito mais difícil.

Lipp (2002) traz como dispositivos do estresse docente várias causas contínuas no universo do trabalho, como a temperatura das salas de aulas em determinados meses do ano, iluminação, barulho intenso, número excessivo de alunos e atividades agitadas, entre outras.

A escola apresenta-se como um ambiente propício aos impactos das variadas transformações ocorridas em todos os segmentos da sociedade, sejam eles: social,

econômico, tecnológico, político ou decorrentes das novas demandas do fenômeno da globalização (ROCHA; FERNANDES, 2008).

1.1 Problema

Diante das variáveis que compõem a vida dos docentes na primeira fase do Ensino Fundamental da escola pública no município de Imperatriz (MA) se questiona: qual é o nível de estresse ocupacional e quais são as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos docentes em seu trabalho?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar o nível de estresse ocupacional e as estratégias de enfrentamento no trabalho utilizadas pelos docentes na primeira fase do ensino fundamental das escolas públicas no município de Imperatriz (MA) de Imperatriz.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar os aspectos sociodemográficos dos docentes pesquisados.
- Identificar a prevalência do estresse ocupacional do docente do ensino fundamental das escolas públicas em relação ao desequilíbrio entre esforço, recompensa e comprometimento no trabalho.
- Identificar a prevalência de estratégias de enfrentamento no trabalho utilizadas pelos docentes pesquisados.
- Relacionar as variáveis: perfil sociodemográfico, estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento no trabalho.

1.3 Delimitação do estudo

O presente estudo do estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento no

trabalho em docentes faz um recorte focando apenas os docentes da primeira fase do ensino fundamental das escolas públicas de Imperatriz (MA).

O estudo propõe pesquisar apenas os docentes que se encontram em sala de aula em período integral, não contando com professores de Educação Física, professores de línguas (Inglês), Filosofia e Artes que vão à escola entre uma ou duas vezes por semana para desenvolver atividades específicas.

1.4 Relevância do estudo

Diante da sociedade que atualmente se apresenta dotada de uma rotina cada vez mais cheia de afazeres variados, principalmente no contexto ocupacional do docente, investigar a saúde ocupacional desse trabalhador configura-se como um procedimento de saúde pública.

É reconhecido pela literatura, bem como pelos sistemas tanto de educação quanto da saúde, que o magistério é uma profissão estressante. Isso por que no dia a dia o docente se depara com situações variadas que podem contribuir para o desequilíbrio de sua saúde física, psicológica e social, levando o profissional a desenvolver o estresse ocupacional (GOULART JUNIOR; LIPP, 2008).

O estudo torna-se relevante pelo ato de repensar ações que venham cada vez mais convergir para um modelo de educação mais sustentável, baseado na cultura interna, com medidas eficientes que atendam verdadeiramente às demandas dos profissionais quanto ao estresse ocupacional. Nesse sentido, Esteve (1999) chama a atenção para dois grupos distintos que podem ser os causadores do estresse docente. O primeiro refere-se aos aspectos diretamente relacionados com as práticas diárias, como as tensões geradas do seu processo de trabalho; o aumento considerável dos níveis de exigências advindos tanto do sistema quanto das famílias atendidas e todos os demais processos que culminam em emoções negativas. O segundo se refere ao lado estrutural, a fatores secundários relacionados às condições de trabalho do profissional, como a falta dos recursos, violência escolar e outras situações vivenciadas no contexto da escola (ESTEVE, 1999).

Rocha e Fernandes (2008) ressaltam a necessidade de intervir nas atividades docentes no contexto escolar, tanto em nível de política, no que se refere à promoção de um trabalho de maneira adequada com vistas à saúde desses

trabalhadores, quanto em nível de ações que possam minimizar os danos à saúde. Recomendam que não se deve perder de vista a saúde dos professores como elemento indispensável para a concretização dos objetivos estabelecidos. Em decorrência desse fator é de fundamental importância discutir a promoção da saúde no contexto da escola e evoluir para que essa discussão se operacionalize rumo a programas que possibilitem a ampliação da qualidade de trabalho dos docentes.

1.5 Organização do trabalho

Este estudo, composto por cinco seções, está organizado conforme a descrição que segue. A primeira seção traz a introdução, objetivos, delimitação, relevância e organização do trabalho.

Na segunda seção apresenta-se a revisão da literatura, abrangendo o lugar da educação no processo de desenvolvimento; o trabalho docente no contexto brasileiro; o conceito de estresse ocupacional e as estratégias de enfrentamento no trabalho.

Descreve-se na terceira seção o método adotado na pesquisa, o tipo de pesquisa, área de realização, população e amostra, instrumentos de coleta de dados, procedimentos de coleta de dados e de análise dos dados.

Na quarta seção apresentam-se os resultados e discussão.

A quinta seção traz a conclusão, e fechando todo o processo estão as referências e os anexos.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção abordam-se os seguintes temas: o lugar da educação no processo de desenvolvimento regional; o trabalho docente no contexto brasileiro, estresse e estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento dos docentes frente ao estresse ocupacional no trabalho.

1.2 Lugar da educação no processo de desenvolvimento regional

Discutir essa rede que envolve três eixos – crescimento, desenvolvimento e educação - implica dizer que há uma necessidade vigente de primeiramente conhecer cada uma dessas instâncias para posteriormente tecer os elos de uma com as outras. Entende-se que nenhuma consegue se desenvolver de maneira satisfatória sem a intervenção das demais.

Para clarificar os dois movimentos, crescimento e desenvolvimento, é importante discorrer seus referidos conceitos. Kroetz (2010), ao diferenciar esses dois modelos, coloca que o crescimento em nenhum momento permite uma análise qualitativa do contexto. O crescimento leva em consideração aquilo que é palpável, tal como situações voltadas para a economia local, possíveis de serem comprovadas pelos resultados alcançados, compreendidos como a renda *per capita* do espaço.

O autor ainda esclarece que o crescimento implica no aumento contínuo do produto da nação em termos globais ou pela sua renda *per capita*. Nesse sentido, a eficiência do sistema produtivo é algo de grande importância e o homem nessa condição perde o seu espaço dando lugar à corrida pela permanência da posição alcançada frente a outros países.

O crescimento tem como principal meio de aferição de renda os indicadores do Produto Interno Bruto (PIB) juntamente com a renda *per capita* alcançada. Frente a isso acaba por não refletir a condição de melhoria por não ser possível visualizar de maneira simples e eficaz a distribuição de renda entre todos que compõem a nação (KROETZ, 2010).

Para Silva (2012), o crescimento constrói o excessivo materialismo e individualismo e esses aspectos, quando exagerados em uma determinada nação, acabam por favorecer o aumento de desigualdades bem como de possibilidades de

escolha entre os indivíduos. A teoria do crescimento tende a considerar apenas países que apresentam elevado poder aquisitivo, porém com grande potencial para construir desigualdade entre suas regiões.

A partir do momento em que há interesse em investimento, as regiões mais ricas tendem a atrair muito mais investimentos pela posição que ocupam, da mesma maneira que as regiões mais pobres acabam por perder investimentos pela mesma razão.

Por outro lado, Lustosa (2010) coloca que nos últimos 50 anos a ideia de desenvolvimento tem sofrido mudanças no que se refere à compreensão desse conceito. Até então era discutido como uma via em que apenas a economia bastava, associando a esse desenvolvimento sua evolução a partir do aumento de riqueza material de uma nação.

Esse conceito mostrou-se equivocado a partir do momento que países com uma renda *per capita* significativa não acompanhavam uma distribuição eficiente, levando à conclusão de que havia uma lacuna a ser considerada.

Lustosa (2010) coloca ainda que desde 1970 a ideia de desenvolvimento compreendia a economia como algo importante, mas não suficiente. Incorporou-se, então, o viés social, requerendo a implantação de mudanças qualitativas políticas, jurídicas e organizacionais.

Silva (2012) ressalta que o desenvolvimento se caracteriza como um processo social que envolve a todos, respeitando todas as tomadas de decisão bem como os elementos relacionados ao campo da cultura compreendida como construção histórica do homem.

Resulta desse processo políticas endógenas que favoreçam a todos numa visão de evolução, tendo como ponto de maior sustentação o social e o político dos atores locais. Há uma valorização daquilo que a cultura local já traz no seu conjunto de construção histórica.

Sen (2010) também discute o desenvolvimento a partir de duas estratégias básicas que acabam por definir de que maneira o processo vai culminar. A primeira é mediada pelo crescimento econômico e é um modelo difícil de ser levado adiante, dada a necessidade de manter por um longo período os recursos para que sejam repartidos e beneficiem a todos. As políticas públicas são levadas a um segundo plano, já que o crescimento econômico é o primeiro.

A segunda estratégia é apoiada socialmente. Nesse conjunto de liberdades

encontra-se a necessidade vital de uma educação básica cidadã para se priorizar outras liberdades sociais. Entende-se como um processo que tem como resultado a expansão das capacidades individuais para capacidades coletivas (SEN, 2010).

Um sujeito que entende as demandas advindas da sociedade em tempos de mudança poderá ter maior participação nas decisões políticas locais e nas intervenções, resultando em benefícios para toda a comunidade.

A economia regional nas últimas décadas tem avançado grandemente no sentido de entender as singularidades locais. Conduz-se trabalhando o desenvolvimento a partir dos recursos que cada região possui como dispositivo para maiores investimentos, seja na esfera privada ou em situações fomentadas pelos sistemas governamentais (DINIZ; CROCCO, 2006).

Siendenberg (2006), com o objetivo de clarificar a visão de crescimento e desenvolvimento, traça um paralelo de cada um desses processos, criando um organograma para que seja possível visualizar e discutir esses dois canais de evolução e entender as diferenças que compõe cada um.

Nesse sentido, a Figura 1, aponta a necessidade de se pensar o desenvolvimento local como um processo que envolve a todos e não somente uma parte da sociedade. Quando esse movimento é feito de maneira esperada os benefícios chegam para o desenvolvimento local como uma mola propulsora de evolução em todos os seus segmentos: educacional, econômico e da saúde, que também são mencionados por Sen (2010).

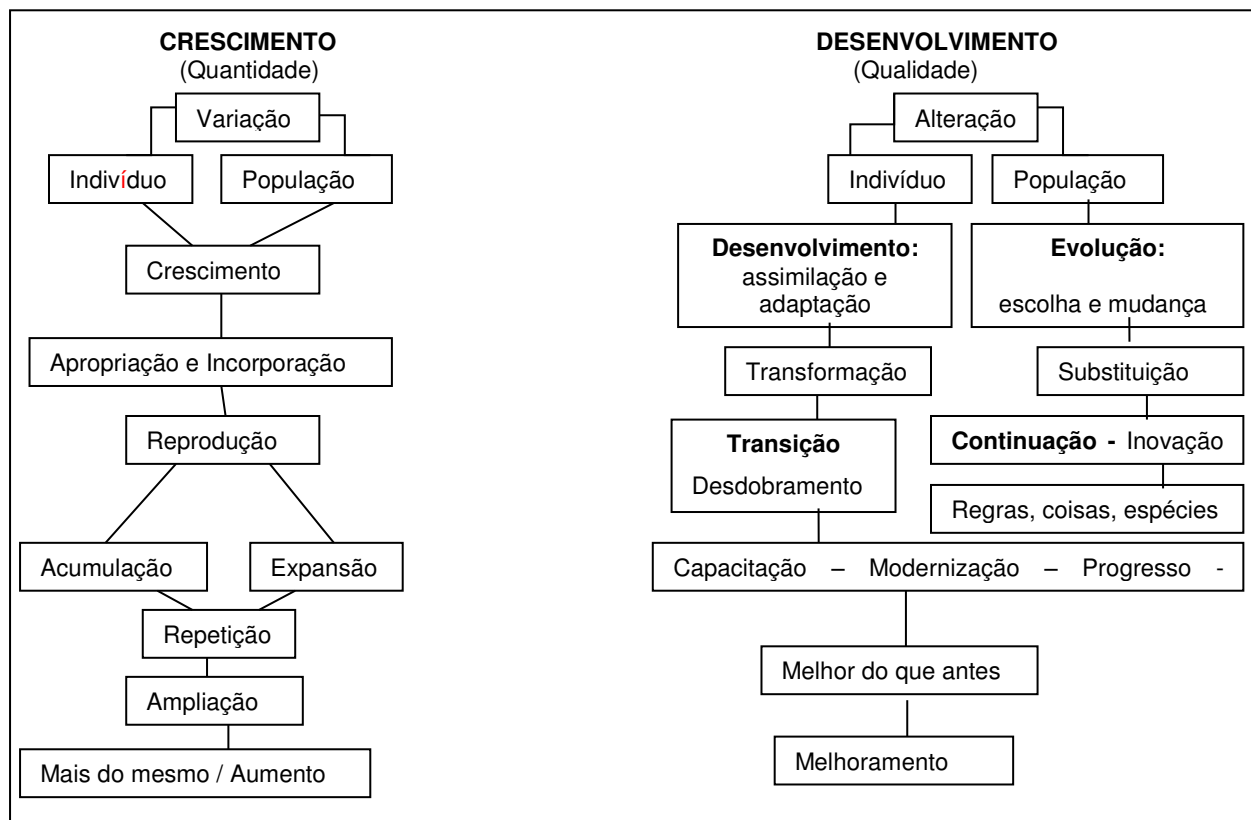
No arcabouço conceitual aqui discorrido, conforme o que se visualiza na Figura 1, fica evidente que a visão de desenvolvimento seja ele global, regional ou local, implica na construção de uma rede, envolvendo e interligando todas as instâncias sociais e a participação da sociedade no processo passa a ser uma das responsáveis pela evolução do contexto.

De acordo com a terminologia liberdade, de Sen (2010), fica claro que a ocorrência do desenvolvimento de um determinado espaço requer a liberdade dos sujeitos individuais como um caminho que será trilhado tanto pela liberdade individual quanto pela liberdade coletiva e social, gerando outra configuração do referido espaço como o resultado desses processos.

Nessa concepção, a educação básica entra como uma das liberdades que irão compor essa mudança local, bem como um dos canais que possibilitarão o desenvolvimento a partir da percepção da autonomia exercida pelos sujeitos sociais

desse espaço, diferenciando-se assim de crescimento somente.

Figura 1: Crescimento e Desenvolvimento: mudanças possíveis



Fonte: Siedenberg (2006, p. 11)

A configuração de crescimento e desenvolvimento na visão de Siendenberg (2006) encontra-se com a concepção de Sen (2010) no momento em que o autor discute o desenvolvimento com o envolvimento do agente compreendido como os sujeitos atuantes na busca das liberdades substantivas como um processo de enriquecimento local. Esse processo destaca-se pela capacidade de flexibilização e essa é a sua maior qualidade.

Quanto ao desenvolvimento local, Boisier (2005) o considera como a capacidade de inovar-se nos seus próprios movimentos internos, como a economia, o enfrentamento dos desafios advindos de esferas internas e externas, a aprendizagem social e a habilidade de destacar sua forma peculiar de regulação social em nível local.

Ainda em relação ao desenvolvimento local, Muls (2008) coloca que no momento em que se considera o desenvolvimento como um processo sujeito a mudanças sociais induzidas pelo amadurecimento das instituições que o compõem, a forma como se constrói e como se muda essas instituições acaba por fazer parte

dessa realidade no sentido de melhorá-la a cada dia por agregar aspectos culturais e da história que estão interligados, dando a cada criação um valor diferenciado, advindo dos costumes e tradições da localidade.

Instituições como as educacionais estão intrinsecamente ligadas ao modelo de desenvolvimento local. O indivíduo que se encontra nesses espaços educacionais é o mesmo indivíduo que estará, em poucos anos, discutindo o desenvolvimento do seu espaço geográfico por meio de participações sociais, sejam elas positivas ou não (WEBBER; VERGANI, 2010).

Quanto a essas possíveis mudanças, Lustosa (2010) ressalta que a dimensão cultural de uma comunidade passou a ser compreendida e valorizada. Hoje é perceptível que tudo que se refere ao desenvolvimento de determinados espaços dependerá do reconhecimento desse espaço como algo de valor para o sujeito, aceitação mediante suas singularidades, valorização da cultura compreendida como a própria construção do homem que o habita, sua identidade e o sentimento de empoderamento associado à autoestima.

Essa maturidade frente, tanto ao desenvolvimento local, quanto à importância da educação para a evolução do espaço se caracteriza como processual, no entanto, medidas podem ser tomadas gradativamente para que essa evolução ocorra progressivamente.

A partir do momento que a rede de apoio se constitui dentro da escola junto aos docentes, tendo o gestor como líder dos demais membros do grupo, promoverá políticas internas de qualidade no trabalho do docente no aspecto material e na promoção de seu bem-estar no trabalho, visando a melhoria no nível de educação para a cidadania, promovida pelos docentes (MACHADO; RIBEIRO; BRITO, 2011).

Fonseca (2009) chama a atenção para a função social que a educação exerce na atualidade. Ressalta a importância de educar o indivíduo para que possa ter acesso a todas as manifestações da cultura humana inseridas na sociedade, comungando com o pensamento de Sen (2010) que nomeia esse acesso de liberdade substantiva, habilitando o indivíduo às mais variadas participações sociais e construindo padrões estáveis de aprendizagem.

Indiscutivelmente o processo educacional é promotor de benefícios extremamente significativos em qualquer contexto social, seja ele global, regional ou local, seja nas liberdades individuais ou coletivas, seja na associação desses dois modelos de liberdades, considerando que um está intrinsecamente ligado ao outro

(FONSECA, 2009).

Uma educação básica cidadã no contexto do desenvolvimento local traduz-se como uma instância de grande valor, que partirá do conceito construído pelos seus habitantes nas imediações da escola, e as decisões tomadas darão rumo às medidas endógenas daquele espaço geográfico (SOUZA, 2013).

Vale ressaltar ainda que nesse modelo é o homem o meio pelo qual se chegará a um crescimento como fim, posto que é visto como figura importante desse espaço, contradizendo os estudos referentes ao crescimento que visualiza esse homem como fim e os recursos como meio.

2.2 Trabalho Docente no Contexto Brasileiro

Apresentar a panorâmica do profissional docente caracteriza-se por apresentar um cenário composto de muitas mudanças e instabilidades no que se refere à sua ação no contexto da escola. São poucas as medidas de intervenção desse processo principalmente no que refere à qualidade no trabalho, o que implica em resultados muitas vezes pouco esperados e dentre eles o estresse docente, contradizendo as perspectivas de um desenvolvimento estruturado.

Esteve (1999), Campos (1999) e Moreira (2013) com seus estudos mostram a frequência de alunos que apresentam no contexto da escola comportamento agressivo e a intolerância dos professores frente às dificuldades.

Os conflitos vivenciados pelos docentes são decorrentes de uma sucessão de situações, como a falta de recursos, acúmulo de trabalho, ampliação do tempo contrapondo-se à desvalorização ao qual é submetido, acúmulo de exigências direcionadas a ele e execução de uma prática extremamente diferente dos ideais pedagógicos ao qual foi submetido na sua formação. No caso do profissional do gênero feminino suas obrigações geralmente se ampliam à medida que chega à sua residência (ESTEVE, 1999).

Tais fatores corroboram para uma investigação mais aprofundada acerca da saúde física e emocional da população docente, posto que os professores vêm adquirindo elementos que acabam influenciando negativamente a sua práxis, gerando um quadro de mudanças. Dentre elas a irritabilidade se mistura a uma questão de ordem pessoal (LIPP, 2010).

De acordo com o 5º Relatório de Metas Todos pela Educação (2012), em 2011

1/3 dos alunos do 5º ano do ensino fundamental tinham sido reprovados ou haviam abandonado a escola. Nesse mesmo relatório há a Meta 2 do Plano Nacional da Educação como política pública, propondo que 95% dos alunos concluam na idade correta esse ciclo de aprendizagem. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), apenas 65% dos matriculados concluem a escola aos 16 anos.

Em contrapartida, há uma taxa de abandono de 24,3% segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud, 2012), além de um cenário de fracasso escolar ainda no início da escolarização de 9,8% do 1º ao 5º ano e 18,2% do 6º ao 9º ano de alunos que não concluem o ensino fundamental.

Quando se propõe a investigar o trabalho docente fazendo um breve resgate da sua prática desde a invenção da escola até a atualidade, faz-se necessário pensar em um público de profissionais professores que a todo o momento foi submetido a mudanças advindas de situações surgidas em sua maioria externamente, dos contextos político, social, econômico e mercadológico. Assim, a trajetória do professor tem sido permeada de instabilidades no que refere ao fazer docente (SAMPAIO; MARIN, 2004).

Na escola tradicional o aluno caracterizava-se como um receptáculo de conhecimentos. Na escola nova esse aluno que até então apenas recebia teorias agora deveria escolher o que desejava aprender; e na escola tecnicista tudo que se respeitava foi esquecido até então por parte do aluno ou do professor, ou vice-versa (SAVIANNI, 1997).

Esses foram momentos de construção de um modelo de educação em que não houve a preocupação de submeter o aluno a um processo que pudesse pôr em voga a capacidade de discussão e, conseqüentemente, o desenvolvimento da sua criticidade, objetivando prepará-lo para práticas que seriam vivenciadas ao longo da vida e suas possíveis mudanças. Nesse sentido, foram se constituindo no contexto da escola sujeitos não críticos (SAVIANNI, 1997).

A partir da exposição sintética dessas teorias entende-se que a maioria dos profissionais que hoje se encontram atuando nas salas de aula é fruto desses modelos educacionais acríticos e instáveis. Frente a isso os docentes, por sua própria iniciativa, tiveram que desenvolver novos modelos de trabalho para que pudessem dar conta das mudanças surgidas na esfera social.

Colocaram em segundo plano a maioria dos conhecimentos adquiridos, haja

vista que tanto os alunos atendidos quanto as perspectivas da sociedade atual se configuram como extremamente diferentes, exigindo desses profissionais muito mais saberes para alcançar os objetivos esperados pelas instâncias aluno e sociedade (SAMPAIO; MARIN, 2004).

Pozo (2002, p.145) salienta que reinventar práticas docentes caracteriza-se como um exercício complexo, pois “a possibilidade que um professor tem de mover seus alunos rumo à aprendizagem depende em grande parte de como ele enfrenta sua tarefa de ensinar”.

Na esteira dessa discussão, Campos (1999) traça um cenário das inúmeras transformações ocorridas nas políticas educacionais ao fazer um recorte para os anos iniciais. Coloca que o primeiro marco de grandes mudanças no contexto da escola ocorreu em 1970, quando foram introduzidas as primeiras exigências direcionadas a creches e pré-escolas.

Essas instituições deveriam dar respostas aos pontos de estrangulamento dos sistemas educacionais, como repetência, baixa cobertura na educação Infantil e junto a isso professores sem formação, currículos e materiais desatualizados, e exclusão, ou seja, sistemas completamente desestruturados para alcançar os fins aos quais se propunham. As mudanças só vieram a consolidar-se de fato a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 (BRASIL, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) no seu Artigo 62 deixa claro que para “[...] o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental” exige-se do docente a formação de nível superior. (BRASIL, 1996).

Scheibe (2010) reforça que nas discussões do Plano Nacional de Educação de 2011 a 2020 a decisão quanto à qualificação do docente continua sendo algo de natureza obrigatória, haja vista que o próprio sistema público oferece essa graduação nas mais diferentes maneiras.

Tardif (2014) ressalta que as mudanças sociais e econômicas brasileiras provocam alterações significativas no sistema de ensino, no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no perfil dos educadores, trazendo nesse bojo novas exigências, diferentemente daquilo que habitualmente se fazia.

Com a ampliação do número de matrículas, a população escolar de massa, que passava a absorver os comportamentos gerados nesse novo momento social e nas mudanças associadas a ele, reflete esses comportamentos dentro da escola, o que

se torna mais um elemento para o docente lidar diariamente.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (2013) houve um crescimento de 4% no número de alunos da educação infantil, totalizando 7.590.600 alunos. No que se refere ao ensino fundamental primeira fase houve, em relação a esse número, um decréscimo de 1% de matrículas, frequentando as escolas um total de 29.069.281 alunos (INEP, 2013).

O próprio documento justifica o porquê dessa diminuição, afirmando que decorreu principalmente, no que se refere a acomodação do sistema educacional, em especial na modalidade regular do ensino fundamental com histórico de retenção e conseqüentemente altos índices de distorção idade-série (INEP, 2013)

Esse quadro se traduz, pelo seu número, como positivo quando se lança um olhar na inserção dos alunos no contexto educacional e as avaliações feitas. Há 16 anos já se visualizava a discrepância entre a ação docente e o que se espera dela.

Considerada a formação tradicional a que foram submetidos os educadores ao longo da vida profissional, em que o papel do educador era central e o aluno um sujeito passivo, e tendo como base esses saberes o profissional teve que absorver uma nova concepção de aluno.

O discente é agora um sujeito participativo no processo e o docente tem a responsabilidade de criar condições favoráveis para a ampliação dos conhecimentos desse sujeito estimulando-o a tornar-se aprendiz com pensamentos e saberes críticos, o que requer dos profissionais um saber minucioso do indivíduo que educa, bem como suas fases, suas características sociais, culturais, étnicas e de gênero, elementos que não lhe foram proporcionados na sua formação (TARDIF; LESSARD, 2014).

Ancorado em Moreira (2013) é possível mensurar de forma sucinta essa efervescência de mudanças no contexto da educação e, com isso, exigências cada vez maiores para os educadores do ensino fundamental. Esse contexto novo vem requerer um educador multidisciplinar com uma série de privilégios da formação e o desenvolvimento de uma postura com diferentes saberes, como:

- Saber científico, para que tenha condições de pôr em prática métodos investigativos;
- Saber pedagógico, que envolve o uso das tecnologias;
- Saber cultural e político, com vistas a promover o cultivo de um patrimônio de conhecimentos e competências; e

- Saber transversal, como estratégia de superação que foi herdada do modelo da racionalidade instrumental, quando a aprendizagem se pautava na razão de ter determinados instrumentos.

A escola tem sido objeto de estudo da educação e da psicologia direcionada a educar crianças e adolescentes, além de ser um espaço de relações (CORRÊA, 2013). É possível visualizar a história do trabalho do docente desenrolar-se recheada de conflitos, tanto pessoais quanto político-sociais transversalizados por processos contraditórios nas questões que matizam a prática, travando nas entrelinhas da história um duelo.

Esse duelo tem de um lado um educador pobre no que se refere à instrumentalização profissional, tentando a todo tempo fazer operações, e do outro um Estado regulador exigente que atribui ao educador a responsabilidade de desenvolver saberes básicos que se adequem à sociedade vigente, evidenciando uma contradição entre a realidade e as políticas contemporâneas de formação e de trabalho (CORRÊA, 2013).

Pimenta (2013) ressalta que há uma enorme distância entre o conhecer e o atuar da maioria dos educadores do ensino fundamental e as novas concepções de trabalho educacional. Enfatiza ainda que as mudanças exigem aspectos diferentes e diante disso é necessário que os educadores refaçam suas ações. É necessário construir pontes entre a realidade do trabalho do professor e o que se tem como meta para a formação.

2.3 Estresse e Estresse Ocupacional

Selye (1965) conceitua estresse como uma alteração que ocorre no sistema orgânico do indivíduo, trazendo uma série de mudanças emocionais e físicas que podem culminar em alterações que necessitarão de processos interventivos por se caracterizarem, em determinadas fases, como prejudiciais ao indivíduo. Foi o primeiro a discutir as reações causadas por alterações hormonais, bem como a desenvolver o conceito de estresse. Suas observações pautaram-se nos estudos de processos quando o indivíduo era submetido a experiências sensoriais ou psicológicas que apresentavam respostas de grande intensidade, fossem elas positivas ou negativas, percebidas principalmente pelas alterações em órgãos físicos ou processos metabólicos como experiências perigosas. Essas experiências são,

portanto, estressora.

Palavra de origem inglesa, o *stress* tem como sinônimo o esforço e a resposta de adaptação que o organismo passa a enfrentar e que o próprio organismo considera como ameaçadora à vida e ao equilíbrio interno. Esses estímulos podem advir de excitação, irritabilidade, medo, ou até mesmo da felicidade.

Inicialmente não é considerado uma doença, mas sim a preparação do organismo para lidar com as variadas situações. São respostas orgânicas, experiências que variam de pessoa a pessoa (LAURINDO, 2013).

Com base nas pesquisas de Lipp (2010), a autora ressalta que, a palavra estresse raramente era utilizada na literatura inglesa com o significado de aflição e adversidade. Nos seus estudos traça uma breve trajetória da estabilidade do termo estresse e a busca dessa identidade para nomear o fenômeno tão comum nos dias atuais, composto por tensão, angústia e desconforto.

Em 1936 Hans Selye nomeou o conjunto de reações não específicas produzidas por vários agentes aversivos que culminavam na síndrome geral de adaptação ou síndrome do estresse biológico, entrando a partir daí na literatura médica. A palavra estresse tem sido utilizada para nomear um conjunto de sintomas advindos de estímulos que acabam por quebrar o equilíbrio orgânico, gerando uma resposta comportamental diferente e com reações que precisam ser cuidadas (LIPP, 2010).

No século XIX a noção do que seria o fenômeno do estresse não despertou interesse científico, ficando em segundo plano por muitos anos. Somente no século XX novamente a ideia foi resgatada por um médico inglês, Sir Willian Osler, a partir da visualização dos sintomas gerados pelo excesso de trabalho e de preocupação, entendendo que esses fatores acabavam por interferir de maneira significativa no desempenho do indivíduo (LIPP, 2010).

Lipp (2010) conceitua o estresse como uma reação neuropsicofisiológica, complexa, que apresenta várias reações que nascem a partir de necessidades orgânicas que precisam ser sanadas no sentido de retomar o equilíbrio (homeostase) que foi quebrado por uma situação advinda do meio, de medo, irritabilidade, excitação, confusão ou até mesmo felicidade.

Nesse sentido, há uma mobilização hormonal que tem como objetivo principal o gerenciamento de estruturas do organismo, capacitando-o para que suporte aquilo que está sendo experimentado. Posteriormente a essa mobilização hormonal o

organismo que sobreviveu volta a se adaptar e com isso aprende a resistir à tensão em que se encontra (LIPP, 2010).

Para Greenberg (2002) são muitas as reações que podem vir à tona frente a um quadro de estresse e essas respostas podem interferir no desempenho profissional. Essas reações são de ordem física e psicológica, como aceleração nos batimentos cardíacos, em resposta às alterações físicas e à ação dos hormônios adrenais; aumento do nível de várias taxas, como da glicose, do metabolismo basal e da pressão sanguínea; dilatação das artérias coronárias e do tubo dos brônquios.

Uma pessoa que apresenta um quadro de estresse apresenta também mudanças significativas de rotina por não conseguir dar conta daquilo a que se propôs profissionalmente no que se refere ao desempenho de trabalho, mas sim pelas alterações ocasionadas pelo estresse.

Selye (1965) também discute dois processos que ocorrem paralelamente às situações de estresse, principalmente no contexto do trabalho, que são o eustresse e o distresse.

Nesses percursos estressores há processos que ocorrem no indivíduo que estariam diretamente ligados ao quadro de estresse, mas que se caracterizam como de natureza positiva. Ambos são associados e o diferencial entre eles é o fato de um ser positivo e o outro negativo.

Marras (2012) explica ainda que o eustresse é o estresse da realização, do triunfo e do contentamento. Envolve emoções positivas, enquanto o distresse configura-se como aflição, quando por qualquer razão começamos a sentir perdas sucedidas de sentimento de insegurança e inadequação.

A Organização Internacional do Trabalho - OIT (1986) conceitua o estresse do trabalho como um conjunto de fenômenos que se apresentam no organismo do trabalhador e que por esse motivo pode afetar sua saúde. Os principais fatores geradores de estresse presentes no meio ambiente de trabalho envolvem os aspectos da organização, administração e sistema de trabalho e a qualidade das relações humanas.

A Organização Mundial de Saúde – OMS (2004) também percebe a saúde como bem-estar físico, psíquico e social e não apenas a ausência de doença. Nesse contexto, é possível perceber o reconhecimento da grande influência de diversos segmentos da sociedade envolvidos de maneira direta com a saúde do trabalhador, o que merece um cuidado significativo, principalmente por entender o que o efeito de

cadeia poderá trazer para vários segmentos sociais. (OIT, 1986).

O estresse é entendido como uma estimulação pontual agressiva ou não produtora de várias reações orgânicas, resultantes em respostas neuronais que atingem estruturas tanto físicas quanto psicológicas. Ressalta ainda que a permanência dessas reações culminam em esgotamento e doença por apresentar respostas que agridem emocionalmente, sendo de extrema importância o modo como o indivíduo age frente a esses estímulos INOCENTE (2005); URURAHY; ALBERT (2005).

2.3.1 Fases do Estresse

Por fases entendem-se os períodos em que se instalam determinados comportamentos nos sujeitos e que acabam sendo periódicos. Assim também ocorre com o estresse. Esses processos configuram-se como de natureza evolutiva, haja vista que vai passando de uma para outra fase dependendo da permanência dos estímulos, chegando assim ao seu nível mais extremo. (URURAHY; ALBERT, 2005; INOCENTE 2005)

Há três vias em que o estresse pode atingir o indivíduo. A partir da inserção do elemento estressor, por meio da experiência, as respostas se diferenciam de indivíduo para indivíduo (LIPP, 1986; BAUER, 2002; URURAHY ; ALBERT, 2005, INOCENTE 2005).

Selye (1965) justifica os motivos da denominação Síndrome de Adaptação Geral (SAG): **síndrome** por conta de desenvolver várias alterações individuais, coordenadas e parcialmente interdependentes; **geral** em decorrência da produção de agentes que têm efeitos de maneira geral no corpo; **adaptação** por se caracterizar como uma fase reativa (SELYE, 1965).

A primeira fase, nomeada alarme, ocorre pelas reações que partem do organismo envolvido no processo. O autor deixa claro que essa fase se traduz como o primeiro momento do impacto, quando o organismo busca mecanismos de defesa ou de adaptação que podem permanecer ou ser interrompidos caso cesse o motivo do impacto. Nesse momento os mecanismos do sistema nervoso central (SNC) entram em ação com o objetivo de luta e defesa (SELYE, 1965).

Lipp (2010) acrescenta que nesse estágio há uma necessidade de o indivíduo produzir mais força e energia a fim de enfrentar o motivo do impacto citado por Selye

(1965). A autora detalha de maneira minuciosa o processo que ocorre no momento em que o organismo se organiza para o enfrentamento de uma situação nessa primeira fase e cita a ocorrência da quebra da homeostase que ocorre automaticamente no processo.

Ururahy e Albert (2005) discutem que a evolução das fases do estresse ocorre a partir de determinados esgotamentos que vão acontecendo no organismo do sujeito acometido. A começar pela noradrenalina, que segundo os autores participa diretamente das reações do estresse e é produzida mediante a menor emoção que venha a ocorrer com o sujeito, a partir de respostas emitidas pelas células nervosas do cérebro.

Ainda sob à luz dos pensamentos dos autores Ururahy e Albert (2005), em pessoas com esgotamento da noradrenalina até mesmo um simples esbarrão pode culminar em respostas exageradas ao evento, retratando a fragilidade desse sistema que já se encontra vulnerável.

As fases do estresse quando divididas caracterizam-se como pilares evolutivos que podem, ao se instalar, caminhar para processos mais complexos, entendendo que pode sim haver um agravamento no quadro dependendo do ambiente estressor, bem como das ações repetitivas nesse espaço que a pessoa é submetida. (URUAHY; ALBERT 2005)

A primeira fase do estresse denominada alerta é vista pelos autores como positiva, por ser esse processo o ato de despertar o indivíduo para algo em formato de iniciativa ou incômodo (SELYE 1965; LIPP 2010).

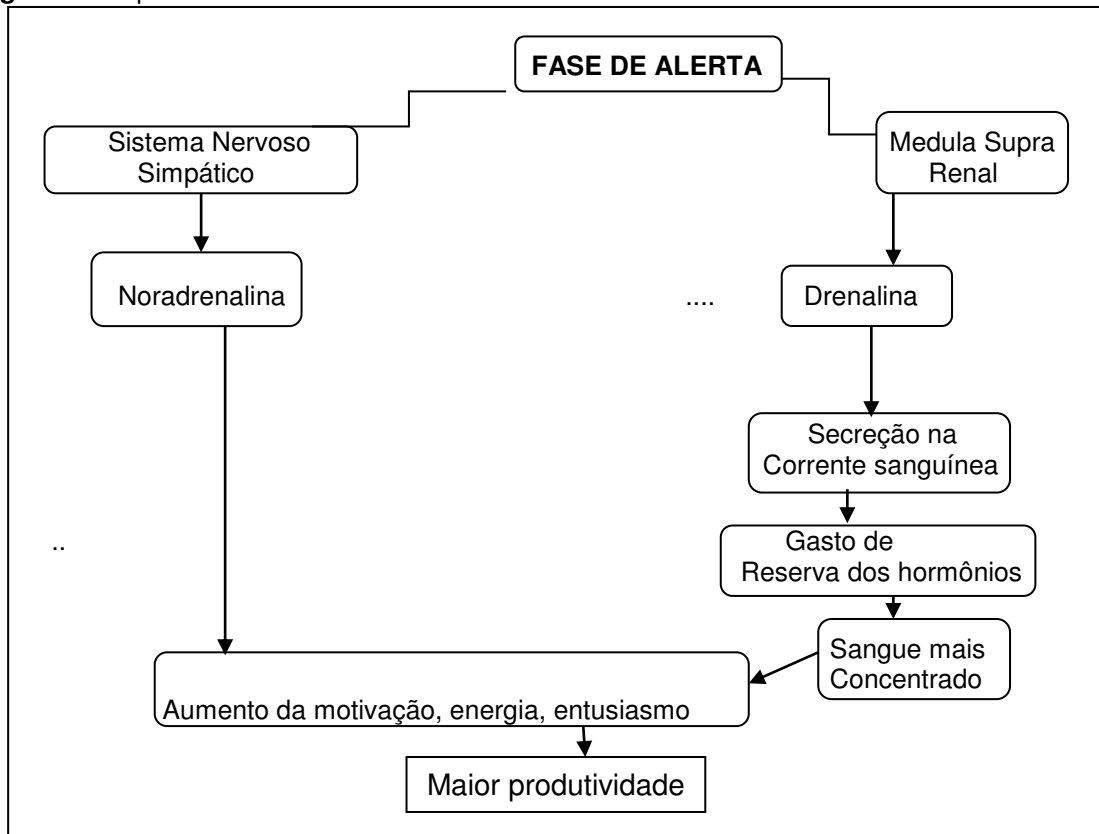
Os autores vêem essa fase como um momento em que o sujeito é estimulado a reagir, ter iniciativa sobre situações ao seu redor e, com isso, buscar processos ou elementos novos para agregar à sua rotina como uma maneira de inovar e/ou evoluir (SELYE 1965; LIPP 2010).

Nesse sentido a primeira fase para os autores é evidenciada como importante para o dia a dia, como mostra a Figura 2. É considerada como um dispositivo que levará o sujeito a executar ações diferenciadas dentro do seu espaço, seja de vida ou de trabalho, e assim, adquirir maior experiência, maturidade e resiliência para outros desafios (SELYE (1965); LIPP, 2010).

Martins (2007) entende o estresse principalmente em docentes, como um conjunto de alterações de natureza orgânica e que os agentes estressores podem advir de situações internas e externas. Essas experiências quebram o equilíbrio

(homeostase) em fases recorrentes, chegando assim a um estado de estresse.

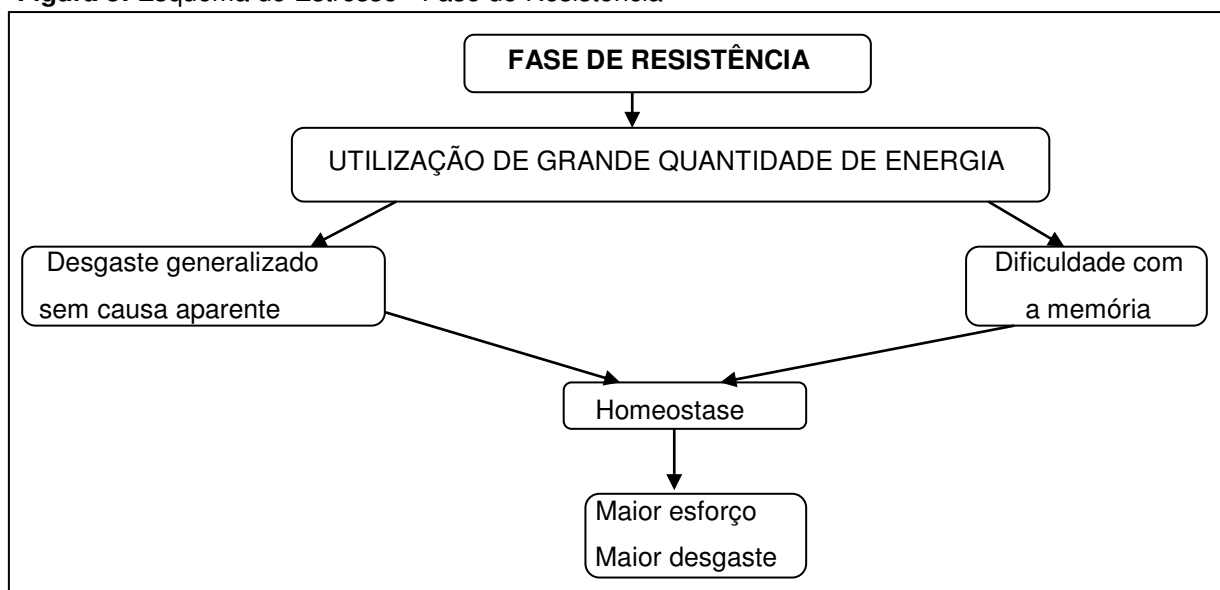
Figura 2: Esquema do Estresse - Fase de Alerta



FONTE: Adaptado de Selye (1965); Lipp (2010, p. 19) pela pesquisadora

A segunda fase do estresse, nomeada resistência e apresentada na Figura 3, é de natureza psicológica, também chamada de segundo estágio de estresse. É quando o organismo põe em movimento todas as suas estruturas internas na tentativa de minimizar as reações ocasionadas pelas alterações físicas decorrentes da primeira fase passando a atingir outro sistema, fragilizando de maneira significativa a vida profissional do indivíduo (SELYE, 1965; LIPP, 1986)

Dentre a classificação de indivíduos mais sucessíveis nesse nível estão os professores e aqueles que lidam com pessoas que apresentam quadros de doenças degenerativas, haja vista que o esforço físico diário faz parte da sua rotina de trabalho, bem como o nível de exigência. Em ambos os casos o sistema de alerta está sempre acionado, gerando duas situações propícias ao estresse. (LIPP, 1986; BAUER, 2002).

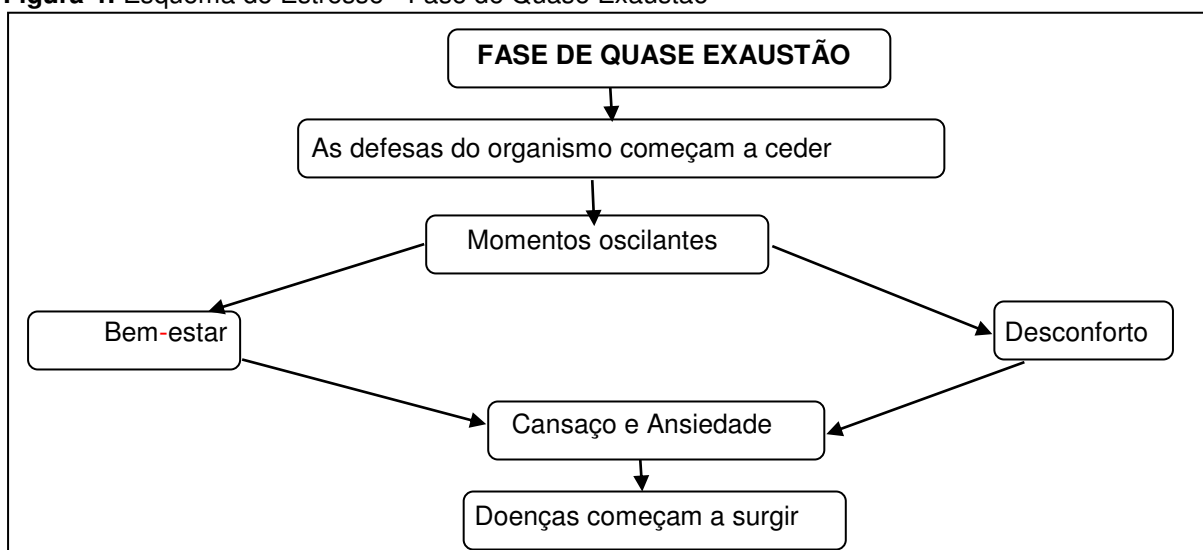
Figura 3: Esquema do Estresse - Fase de Resistência

FONTE: Adaptado de Selye (1965); Lipp (2010) p. 19

A terceira fase nomeada por Lipp (2010) de quase exaustão é apresentada na Figura 4 e configura-se como um novo estágio de evolução descoberto por meio de aprofundados estudos do tema. Segundo a autora, caracteriza-se como um momento de transição entre a resistência e a exaustão, levando em conta uma série de sintomas que vão gradativamente se instalando, compreendendo que não há queima de etapas.

Nesse processo há oscilações entre os momentos vivenciados. Ora o indivíduo sente-se mais fortalecido e em outros momentos sente-se extremamente enfraquecido. É exatamente por essas oscilações entre os momentos que Lipp insere o termo 'quase', haja vista que no processo de exaustão não há nenhum momento em que o indivíduo se sinta razoavelmente bem (LIPP, 2010).

Lipp (1986) chama a atenção para a ocorrência de envelhecimento como resultado de situações estressoras, partindo desse nível para a quarta fase, posto que as glândulas localizadas na parte inferior do pescoço são prejudicadas. Essas glândulas, nomeadas células linfáticas do timo, participam ativamente do sistema imunológico e como resultado desse processo as células brancas diminuem, o organismo fica fragilizado e conseqüentemente o envelhecimento precoce acontece.

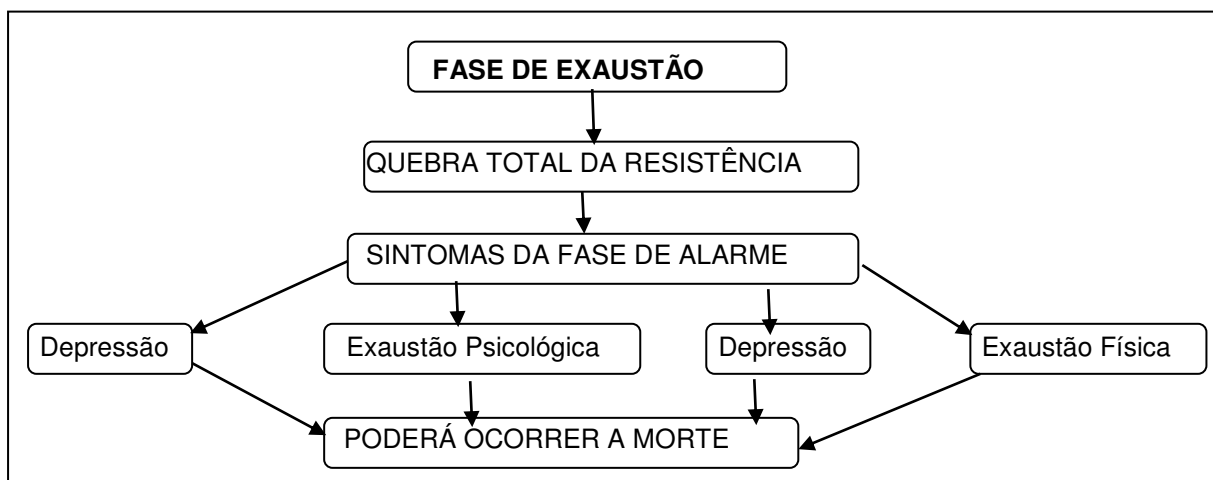
Figura 4: Esquema do Estresse - Fase de Quase Exaustão

FONTE: Lipp (2010) p. 19

A quarta fase, denominada exaustão é apresentada na Figura 5 e traz nas suas características a vulnerabilidade em adquirir doenças psicossomáticas ou físicas. Segundo Selye (1965), o estresse não é tensão nervosa; não é uma ação de emergência da medula da suprarrenal; não é nada que cause secreção por meio do córtex; não é resultado específico de lesão; não é um desequilíbrio da homeostase à condição de estabilidade do corpo; não é uma reação específica, estimulando para que se possa com mais facilidade identificar o estresse. São mudanças orgânicas que podem evoluir, causando até a morte.

Os estressores aqui já podem ser caracterizados nessa relação como vírus, bactérias e fungos ou parasitas que infectam facilmente o ser humano induzindo-o a um processo complexo e de ordem interna. A culminância dessa fase se dá no momento em que são atingidos mecanismos endócrinos (hormonais) responsáveis por controlar o sistema imunológico, passando o indivíduo a contrair doenças entendidas como respostas a essa intensidade de reações orgânicas (LIPP, 1986; BAUER, 2002).

Uma fase negativa do estresse, esse é o período ou fase onde se instala de fato várias situações patológicas, nomeadas por Selye (1965) como somáticas, ampliando o aumento de doença pela exaustão psicológica que se apresenta em formato de depressão, e outros quadros como insônia, problemas dermatológicos e outros, compreendidos como esforço de adaptação (MARTINS, 2007).

Figura 5: Esquema do Estresse - Fase de Exaustão

FONTE: Selye (1965); Lipp (2010) p. 19

Lipp (2010) relata como efeito do estresse uma série de sequelas que necessitam ser cuidadas, pois afeta diretamente o sistema imunológico, reduz a resistência do indivíduo, memória, produtividade, criatividade, e, nesse contexto, atribui-se aos docentes prejuízos bastante significativos.

Lipp (1986) chama a atenção para o fato de que o estresse, pelo grande número de atividades desenvolvidas no dia a dia, é muito comum que ele não seja percebido nas suas primeiras manifestações, colaborando com o pensamento de Ururahy e Albert (2005), passando assim o tempo necessário para que se desenvolva um quadro de instabilidade emocional. Se o esforço realizado pelo sujeito é altamente intenso e contínuo o indivíduo sucumbe pela ausência da resistência.

2.3.2 Estresse ocupacional

O trabalho ao longo da história até hoje é reconhecidamente importante por promover melhor qualidade de vida ao indivíduo por ampliar suas possibilidades de desenvolvimento, tanto de forma pessoal quanto no contexto no qual habita.

Codo (2004) esclarece que o trabalho caracteriza-se como uma construção histórica e necessária ao homem pela sua condição de ser biopsicossocial e chama a atenção para o sentido que é dado à expressão 'saúde do trabalhador', esclarecendo que esse é um modelo multifacetado, relativo, mas que põe em relevância situações tanto de ordem objetiva quanto subjetiva do homem com o trabalho.

A primeira a se discutir e considerar é a Carta Magna do País, a Constituição

Federal (CF) de 1988, que apresenta normas de saúde e garantias de um meio ambiente seguro ao trabalhador, como relata o artigo 7º: “são direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: [...]; XXII - redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança” (BRASIL, 1998).

Em seu artigo 196, a Constituição Federal ainda menciona que “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

O artigo 200 também dispõe sobre o assunto quando relata: “ao sistema único de saúde compete, além de outras atribuições, nos termos da lei: [...]; II - executar as ações de vigilância sanitária e epidemiológica, bem como as de saúde do trabalhador; [...]; VIII - colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho”.

No artigo 225 do mesmo documento também estão incluídas outras possibilidades, como: “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Nesse sentido é possível afirmar que a Constituição Federal de 1988 acolheu o princípio da prevenção nesse artigo 225, *caput*, ao impor ao Poder Público e à coletividade o dever de preservar o meio ambiente para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988)

Essa preocupação precisa ser uma constante na sociedade para garantir direitos, haja vista que as buscas intensas pelo crescimento e desenvolvimento aumentam em grande escala a possibilidade de ampliar também os riscos relacionados à saúde do trabalhador, incluindo nesse processo a saúde dos docentes (BRASIL, 1988).

Sousa e Leite (2011) ressaltam que desde 1981 a Organização Internacional do Trabalho (OIT) considera o estresse nas suas pesquisas como uma das principais causas de abandono da ocupação. Dentre o grupo objeto de estudo o docente apresenta risco para a sua saúde física e mental.

O trabalho docente, principalmente, nas escolas públicas, permanece com os

mesmos dispositivos estressores psicossociais em seu ambiente de trabalho. A categoria destaca-se pela exposição a ambientes conflituosos e de alta exigência. Esse processo é entendido pelo docente como uma rotina burocrática, com perda do prazer vocacional, culminando na permanência de quadros de estresse entre os membros da sua classe (FERRAZ *et al*, 2014).

Dentre os mecanismos de defesa desenvolvidos pelos profissionais existe um que consegue fazer com que o indivíduo entre em um nível de estresse crônico (PITTA, 1994). Esse mecanismo é quando o profissional se mantém alheio a grande parte das situações vividas como forma de defesa para que assim possa dar conta de desenvolver o seu trabalho com eficiência. Esse tipo de estresse acarreta uma série de outros prejuízos ao trabalhador no que se refere à danos a sua saúde.

O estresse excessivo tem sido considerado um dos principais problemas do mundo moderno, sendo tema de interesse da Organização Mundial da Saúde. Pode interferir na qualidade de vida do indivíduo, levando-o a uma série de prejuízos: problemas de interação social, familiar, falta de motivação para atividades em geral, doenças físicas e psicológicas, além de problemas no trabalho (LIPP, 2010).

Paschoal e Tamayo (2004) conceituam o estresse ocupacional como o processo em que o sujeito tem como demanda de trabalho a ser executada e essa exigência excedem as suas habilidades, trazendo como resultado reações negativas.

Murta e Tróccoli (2004) discutem o estresse ocupacional como um fator de risco para vários profissionais, dentre eles o professor. Frente a essa informação, percebe-se que os espaços ocupacionais e seus respectivos gestores precisam atentar-se a tais informações, entendendo que os trabalhadores que ali se encontram necessitam de condições aptas para desenvolverem suas funções, contando com a possibilidade de permanecer nesses espaços com a saúde preservada.

Para Bachion *et al* (2005), a complexidade do estresse no trabalho é uma síndrome que envolve aspectos biopsicossociais e surge à medida que o indivíduo passa a lidar com situações que o aborrecem. Ressalta ainda que a ocorrência do estresse ocupacional nas organizações tem sido visualizada em todas as partes do mundo como um fator que tem trazido uma quebra na saúde mental e bem-estar do trabalhador.

Paschoal e Tamayo (2004), por outro lado, colocam que o estresse tem trazido

grandes mudanças no funcionamento das organizações e conseqüentemente na economia desses espaços. O impacto negativo dessa variável tem sido explicada pela seguinte relação de causa e efeito: trabalhador estressado diminui o seu desempenho e amplia os custos no que se refere às despesas por problemas de saúde, rotatividade, e número de acidentes no local de trabalho.

Paschoal e Tamayo (2004) em suas pesquisas também destacam que o estresse ocupacional divide-se de acordo com três aspectos, que são: i) os estímulos estressores; ii) as respostas aos eventos estressores; e iii) os estímulos estressores-respostas. Com base nas colocações da autora, os estressores organizacionais que se caracterizam como de ordem física (ambiente) e psicossocial levam em conta a ambigüidade de papéis desempenhados e, finalmente, os processos dessa relação: repetição de tarefas, pressão de tempo e sobrecarga tanto de natureza quantitativa (número excessivo de tarefas) quanto qualitativas (dificuldades nas demandas que estão além das suas habilidades).

Nos últimos anos já se encontra disponível na literatura internacional vários estudos referentes ao estresse ocupacional e dentre eles destaca-se o Modelo de Esforço e Recompensa no Trabalho (*Effort Reward – Imbalance – ERI*) desenvolvido por Johannes Siegrist (INOCENTE, 2005).

Vasconcelos (2004) discute as bases que o modelo se aplica – esforço e recompensa – e ressalta a vantagem do modelo ERI (SIEGRIST) por ampliar o conceito de controle e incluir a segurança de trabalho e a mobilidade que pode ocorrer a partir de processos promocionais para o trabalhador.

O modelo ERI já possui, de maneira sólida, pesquisas que justificam a sua eficácia na aplicabilidade do referido instrumento de aferição, englobando principalmente componentes extrínsecos, informações subjetivas do trabalho desenvolvido, e intrínseco, as características pessoais.

A combinação dos dois componentes acaba por resultar na quantificação da vida funcional e as contradições entre o esforço que foi dispensado e recompensa recebida no espaço do trabalho (INOCENTE, 2005).

Para Inocente (2005) Martins (2007) e Vasconcelos (2004), sustentados por Siegrist, o referido modelo mostra-se como o mais adequado para contextos de trabalho que lidam diretamente com pessoas, entrando nessa classificação o trabalho do docente e sua relação entre desequilíbrio de esforço, recompensa e risco no trabalho.

2.3.3 Estresse docente

O estresse docente tem se manifestado em um grande número de profissionais. A Organização Internacional do Trabalho (2010) estuda os efeitos do estresse gerado no contexto do trabalho em vários quadros profissionais e ressalta que o exercício da docência encontra-se inserida nesse grupo de profissões mais suscetíveis ao estresse nas mais variadas fases.

Paula e Naves (2010) abordam as mudanças excessivas que ocorrem no contexto das escolas e as novas demandas da sociedade que recaem nos docentes, ligadas às suas necessidades e mudanças no contexto das famílias atendidas. Com isso, transferem para a escola parte da sua responsabilidade, pressionando os docentes a assumirem diferentes papéis para os quais muitas vezes não se encontram preparados.

Nesse sentido, os professores passam a viver uma ambígua relação com as famílias dos seus alunos acumulando demandas de trabalho com consequências danosas tanto para ele, como profissional, quanto para o ensino.

Paula e Naves (2010) relatam que as escolas têm mantido uma prática solitária permeada por uma cultura de pouco movimento no que se refere a grupos e esses aspectos da sociedade atual, associados aos déficits dos processos vivenciados, podem acarretar uma população de profissionais da docência doentes, resultando em práticas cada vez mais complexas no que se refere a conflitos que necessitam serem mediados.

Giglio (1999) também chama a atenção para outro foco propulsor de estresse do professor que são os modelos escolares presos na transmissão de conhecimentos e com práticas uniformizadas, sem se importar com a singularidade do aluno. Ele ressalta que o aumento do nível de estresse vem pelo fato de o profissional atuar em um contexto mutável e por possuir metas estabelecidas por instâncias superiores, onde as mesmas precisam ser alcançadas em um determinado momento do trabalho.

Ainda que seja bastante crítica essa visão faz-se necessário concordar com o olhar do autor, pois os processos educacionais da rede pública ainda apresentam procedimentos que se modificam, adequando-se a situações que surgem inesperadamente no contexto da gestão municipal, gerando na escola alta

vulnerabilidade do docente e, conseqüentemente, o estresse ocupacional, bem como a baixa condição de aprendizagem por parte dos alunos. Vale ressaltar que no Brasil a maior representação de profissionais da educação encontra-se nas escolas de rede básica (INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS DOS TRABALHADORES - IPET, 2014).

Climaco (2010) ressalta a importância de uma educação básica cidadã no sentido de contribuir significativamente no desenvolvimento de todos os aspectos relacionados à evolução social local, contribuindo para que avanços sociais positivos aconteçam, mesmo que em longo prazo. Pensar em ações concretas para uma sociedade local implica em investir numa formação de qualidade desde os primeiros anos escolares.

A formação de qualidade destina-se a 14,2 milhões de analfabetos com idade entre quinze anos ou mais e trinta milhões de analfabetos funcionais na mesma faixa etária, o que equivale a 21% dessa população de analfabetos. É preciso também pensar também na melhoria do ensino, nas diferentes faixas etárias, oferecido aos matriculados nas redes de ensino da educação básica, contribuindo de maneira direta com o desenvolvimento da região (CLIMACO, 2010).

Lipp (2002) esclarece, em seus diversos estudos, que a docência é mundialmente uma das profissões mais estressantes da atualidade, uma vez que no contexto da escola além dos entraves já ressaltados ainda apresentam-se como parte do cotidiano do educador a necessidade de lidar com situações diversas e conflitantes. São situações como a de conselheiro, que por muitas vezes é preciso assumir; conviver com o uso de drogas; pouco caso dos alunos; especificamente péssimas condições de trabalho; insatisfação; e falta de plano de crescimento profissional entre outras.

Esses elementos elencados pela autora, experienciados pelo professor em muitos momentos dá à profissão uma responsabilidade extra, haja vista que em muitos momentos não é possível contar com outros atores educacionais, como psicólogos, gestores e coordenadores. Torna-se necessário que o docente assuma um papel para o qual não foi preparado.

Tardif e Raymond (2000) citam os saberes dos docentes relacionados ao trabalho, nomeados por eles de competências plurais, que se relacionam diretamente aos fenômenos sociais, mostrando pela própria variação uma fragilidade nos seus saberes que não se sustenta de maneira sólida pelo fato de envolver

significativamente seus posicionamentos pessoais, confiando nas suas próprias experiências, deixando assim o saber profissional interligado à sua história de vida pessoal, da sua cultura, colhido das escolas por onde passou ou copiado de outros autores educativos.

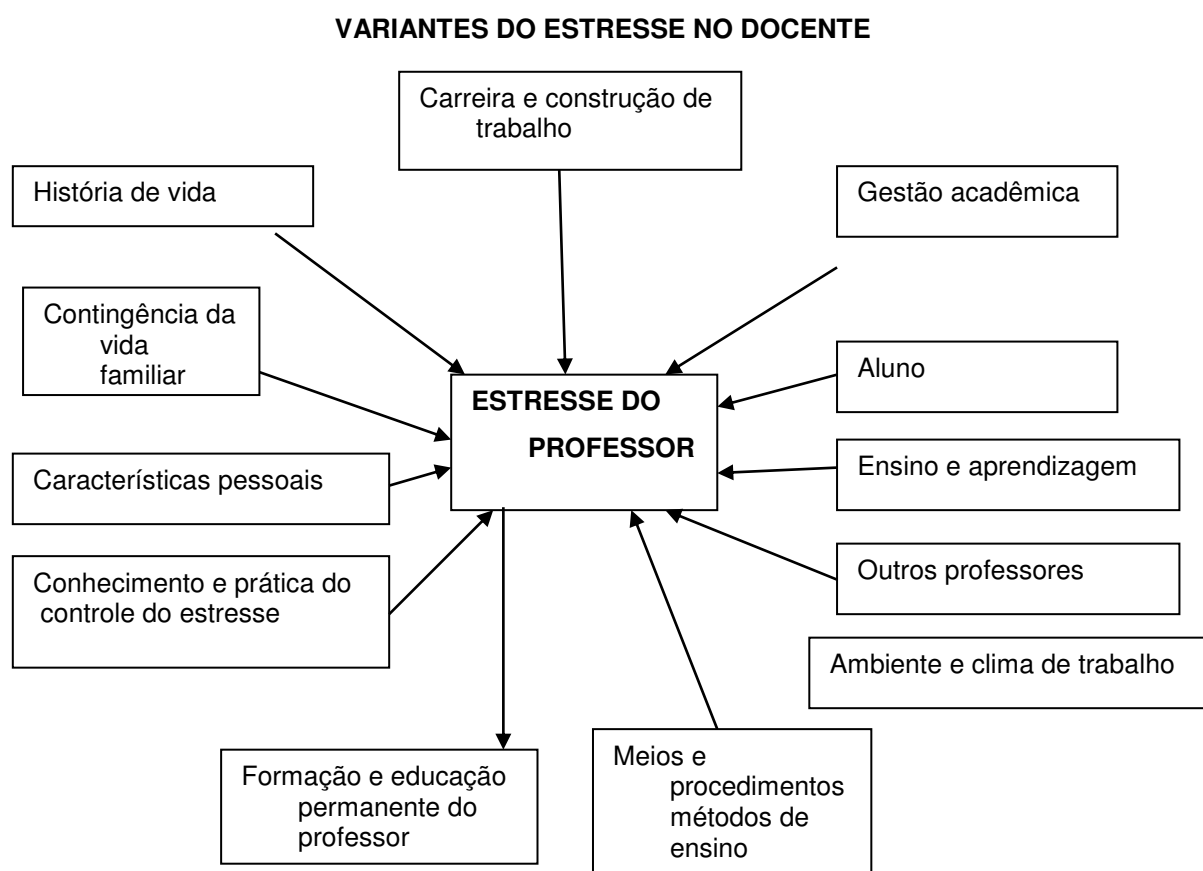
Esse processo implica diretamente em exigências direcionadas também ao contexto educacional por se esperar desse universo, o escolar, transformações semelhantes, para que se venha a ter desse universo sujeitos capazes de interagir nos novos e variados modelos sociais. O autor discute também a importância da participação da família como forma de delegar papéis diferentes a instituições diferentes, porém com os mesmos objetivos, sendo assim possível suprir as necessidades trazidas pelos alunos (LIBÂNEO, 2010).

Lipp (2002) discute a participação da família no contexto frente a situações que deveriam ser solucionadas pela família que acabam atribuindo parte dessa responsabilidade à escola sem o êxito esperado. Esses momentos, segundo a autora, faz parte do conjunto de fatores que culminam no estresse do docente. Witter (2002, in LIPP, 2002), apresenta os aspectos que podem ser fortes estressores para o docente, como mostra a Figura 6.

A Figura 6, também vem convergir com as pesquisas de Tardif e Lessard (2014); Lipp (2002) Giglio (1999) Gasparini, Barreto e Assunção (2006) e outros órgãos de pesquisa como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), quando discutem quanto às condições pessoais e de ambiente de trabalho; a formação continuada como um meio de aproximar conhecimento adquirido com exigências do processo; e as relações construídas no espaço escolar como propulsores de estresse no docente, deixando claro que o quadro de estresse é plural, complexo e capaz de absorver demandas de várias vertentes, resultando em alterações físicas e psicológicas no docente que implicam diretamente no resultado da sua ação pedagógica.

Witter (2002 in Lipp, 2002) aborda as variáveis que existem como fortes geradores de estresse no docente e chama a atenção para o vetor administrativo na figura do gestor, ressaltando que ele pode intervir reduzindo ou intensificando o efeito das variáveis estressoras também citadas na Figura 6.

Figura 6: Aspectos que podem ser fortes estressores para o docente (Witter, 2002)



Fonte: Lipp (2002, p. 129)

Canova e Porto (2010) destacam nos seus estudos que a escola assemelha-se a empresas de outros ramos. Mesmo submetidas às mesmas políticas públicas e educacionais, cada uma possui uma série de aspectos no que se refere a modelos singulares de gestão que as descaracterizam da equidade das organizações.

Bachion *et al* (2005) esclarecem que o estresse nas organizações, inclusive no contexto da escola, tem sido visualizado em todas as partes do mundo como um elemento de grande significância, configurando-se como um fator causal de morbimortalidade e de quebra entre a saúde mental e o bem-estar do trabalhador.

Gasparini, Barreto e Assunção (2006) chamam a atenção para os números cada vez mais alarmantes de casos de estresse no contexto das organizações, seja empresa ou escola, revelados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), e também pela Organização das Nações Unidas (UNESCO). Abordam as condições de trabalho do docente como um dos aspectos que podem desenvolver o

adoecimento físico e mental de professores, bem como o perfil de afastamento de profissionais.

Veiga (2005) esclarece os medos dos professores no exercício da docência, principalmente no que se refere à construção de estratégias de enfrentamento, propondo uma escala de avaliação desses medos como mais um instrumento de investigação de elementos que podem levar o professor a quadros doentios.

Fernandes, Rocha e Sousa (2005) também corroboram com estudos envolvendo a saúde mental do professor de 1° ao 5° ano do ensino fundamental. As autoras ressaltam que parte dos professores pesquisados (77,7%) já estudavam o estresse na docência e 33,33% apresentaram dificuldades em discutir o assunto por desconhecerem a temática em voga. Percebe-se, no entanto, que mesmo com um grande número de estudos referentes ao tema ainda é preciso maiores conhecimentos compreendidos como formação continuada.

Souza Filho (2005) traz como contribuição, estudos voltados para a autoavaliação psicossocial dos docentes, principalmente em relação aos critérios da escolha da profissão e a relação desse aspecto com o estresse desenvolvido no contexto profissional: a escola.

Mariano e Muniz (2006) analisam a saúde mental e o trabalho de professores, propondo estudar seus processos subjetivos, ou seja, a influência que fatores de ordem interna e pessoal podem influenciar no trabalho. Esse aspecto é um dos promotores de estratégia de enfrentamento mais eficaz diante do quadro de estresse no contexto do trabalho.

Martins (2007) estuda o estresse em professores brasileiros baseados em escolas públicas da cidade de João Pessoa na Paraíba. A autora em seu trabalho chama a atenção para o alto grau de habilidades, preparo e conhecimento que atualmente o professor necessita ter, principalmente no que se refere ao conhecimento atualizado, ações que ponham em movimento a afetividade, a cognição e a sociabilidade.

A autora ressalta ainda que no grupo pesquisado o nível de estresse dos professores encontra-se na fase de resistência. Essa classificação chama a atenção para um cuidado no que se refere, de maneira urgente, à construção de estratégias de enfrentamento para esse grupo como de intervenção em todos os sentidos, seja trabalhista seja humanístico.

Rocha e Fernandes (2008) discutem a qualidade de vida como um aspecto na promoção da saúde mental de professores, no entanto no final do estudo apresentam como resultados quadros de adoecimento dos professores, tanto de ordem física quanto de ordem psicológica e concluíram que a qualidade de vida desse grupo de professores apresenta-se comprometida.

2.4 Estratégias de Enfrentamento no Trabalho (*coping*) dos docentes frente ao estresse ocupacional

Quando se discute o estresse faz-se necessário conhecer também as estratégias de enfrentamento, que se caracterizam como reações do indivíduo no momento em que vive situações estressoras em qualquer um dos seus níveis: alarme, resistência, quase exaustão e exaustão (URURAHY; ALBERT, 2005).

Esse enfrentamento é uma maneira vista principalmente no momento em que ocorrem fatores pessoais, exigências situacionais, ou seja, no momento em que acontece uma ou várias situações consideradas estressoras. Nesse momento o corpo passa a evidenciar mecanismos de defesa em busca de reduzir impactos, sejam eles de ordem emocional e/ou física e assim sobreviver à situação. (URURAHY; ALBERT, 2005)

Ainda acerca dos conceitos de Folkman e Lazarus (1986), Antoniazzi, Dell`Aglío e Bandeira (1998); Pinheiro, Tróccoli e Tamayo (2003), para eles o *coping* é mutável, pode reorganizar-se ao longo da vida na tentativa de se adequar às situações vivenciadas.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2004) apresenta os termos *coping* e mecanismo de defesa como sinônimos. Entende-se que nesse processo pode haver sofrimentos de natureza emocional para a adequação enfrentamento, posto que é um conceito que faz parte de um modelo de literatura que informa os danos, tanto orgânicos quanto emocionais. (APA, 2004)

Antoniazzi, Dell`Aglío e Bandeira (1998) em seus estudos, discutem as vertentes nas quais pode se classificar o *coping*, pois as formas de reação de cada indivíduo podem pertencer a uma vertente, seja ela focada na resolução do problema (cognitiva), seja ela focada na emoção (comportamental).

De forma complementar, Severino, Rabelo e Campos (2013) clarificam que

existem 8 estratégias que são usadas para enfrentar todo e qualquer quadro de estresse, cada uma com um viés diferente:

- 1^a) **confronto**: o enfrentamento frente a frente da situação estressora;
- 2^a) **afastamento**: entendido como reação ao distanciar-se da situação na qual se está experienciando;
- 3^a) **autocontrole**: traduzido como a habilidade de manter-se equilibrado frente ao aspecto gerador de estresse;
- 4^a) **suporte social**: é a capacidade de valer-se dos membros do grupo para a resolução da situação de estresse experienciada;
- 5^a) **estratégia de aceitação de responsabilidade**: que se traduz como a capacidade de mudar a postura frente uma situação estressora e utilizar-se de ações mais elaboradas para que o problema seja resolucioado;
- 6^a) **comportamento de fuga e esquiva**: caracterizado como uma atitude de evitar o confronto com o problema gerador do estresse;
- 7^a) **estratégia de resolução de problemas**: traduz-se como a capacidade de lidar com o elemento estressor e agir na forma de enfrentamento com planejamento de novas ações para que o problema seja solucionado; e
- 8^a) **reavaliação positiva**: entender como pontos estressores que precisam ser reorganizados de maneira tranquila por meio de um planejamento eficaz e o exercício de meta-cognição (ação-reflexão-ação).

Com as subáreas estudadas é possível afirmar ainda que o sujeito apresenta um modelo de reação que pode ser categorizado e com isso conhecido pelo grupo diretório, para que esse processo sofra as intervenções adequadas às situações estressoras (NOBREGA; LOPES 2014)

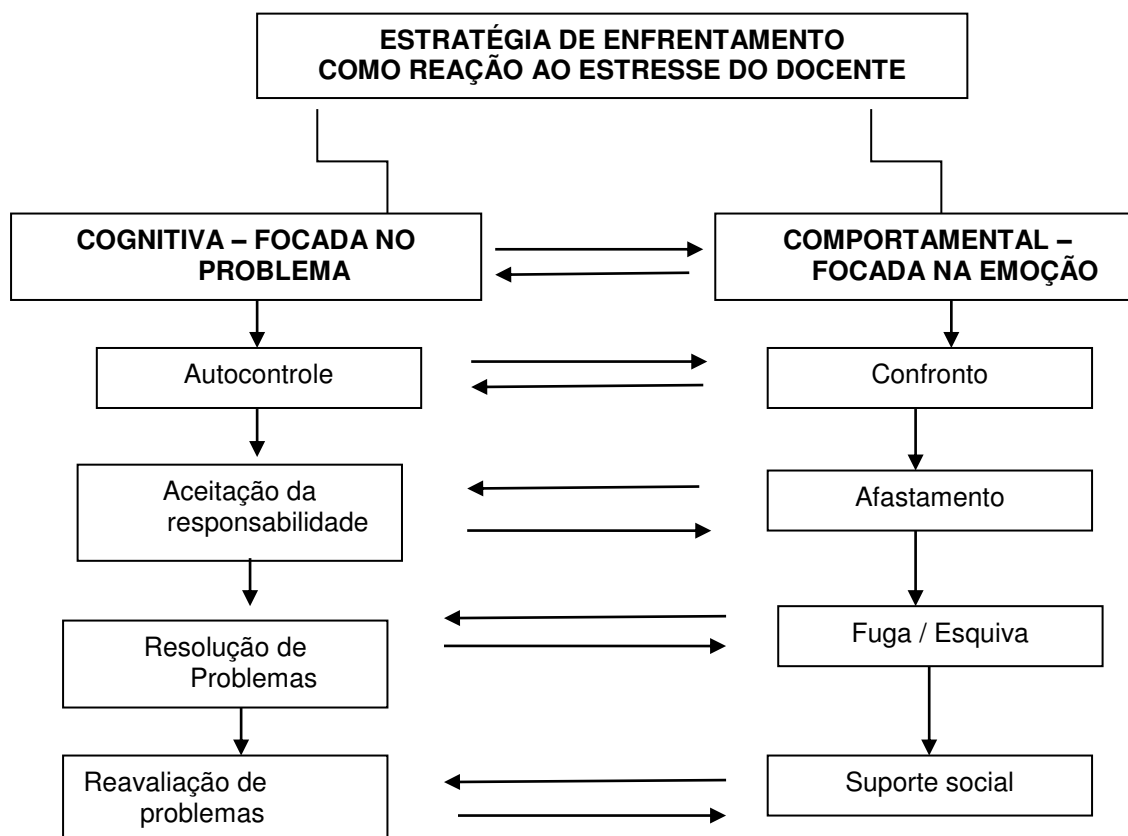
Ururahy e Albert (2005) discutem o gerenciamento do estresse também entendido como estratégia de enfrentamento, relacionando aspectos que necessitam ser identificados, monitorados e administrados, que são: a) visualização dos aspectos que geram o estresse; b) ter atenção ao processo de motivação; a precariedade nos ambientes de trabalho; c) a interrupção dos processos de trabalho de forma contínua; e d) as formas de reação a cada fator de incômodo que possa vir a ocorrer no ambiente de trabalho e a temporalidade para cada obrigação.

São variadas as formas de enfrentamento de cada sujeito. Se o indivíduo se considera maduro o suficiente para enfrentar situações de estresse nesse universo

ocupacional, a reação gerada pelo estresse desse ambiente será recebida de uma maneira, no entanto se o sujeito se deparar com situações inusitadas para ele em um determinado universo ocupacional, sua resposta frente a isso será outra bem diferente e, segundo os autores, esses custos vão gerando cada vez mais esgotamentos no sujeito (URURAHY; ALBERT, 2005).

No modelo discutido por Folkman e Lazarus (1986), evidenciado na Figura 7, os autores mostram que as estratégias de enfrentamento ocupacional são procedimentos que se intercalam, interagem entre si e, conseqüentemente, mostram-se mutáveis de acordo com vários níveis de experiência que o trabalhador apresenta:

Figura 7: Representação gráfica das estratégias de enfrentamento



Fonte: baseada em Folkman e Folkman (1986)

Na perspectiva de Folkman e Lazarus (1986) e Latack (1986) nessas situações de enfrentamento não há possibilidade de processos recíprocos entre problemática e emocional, como ocorrem com as estratégias de enfrentamento propostas por Folkman e Lazarus (1986) no seu modelo mostrado na Figura 7. Segundo os estudos, mesmo o emocional estando presente, uma vez que o sujeito é dotado de

duas instâncias - emocional e racional - não há ênfase para uma ou para outra instância.

Ajustar esses grupos por meio de formações que venham contemplar a todos, seja em forma de fortalecê-los ou reorganizá-los, constitui-se uma possível política interna de mudanças significativas no contexto institucional, principalmente na escola.

Vale ressaltar que o presente estudo buscou as estratégias de enfrentamento do grupo de docentes pesquisados e sustentados por Latack, com o intuito também de reconhecer as maneiras como os grupos se comportam sejam eles fortalecidos ou fragilizados diante da situação do estresse no seu dia a dia.

Falar de estratégias de enfrentamento ou *coping* é falar de tomadas de decisão que precisam partir tanto da organização quanto do próprio indivíduo, numa perspectiva tanto pessoal quanto institucional, convergindo condições internas e externas entendidas como uma interação necessária para um bom desempenho profissional de todo e qualquer trabalhador.

Em pesquisas realizadas por Gomes e Pereira (2008) verificou-se que os grupos de docentes pesquisados ainda recorrem, em grande escala, às estratégias de enfrentamento focadas nas emoções.

O pesquisador chama a atenção para a fragilidade desse processo como forma de enfrentamento, ressaltando a automatização do conhecimento como uma das estratégias mais eficazes para o manejo do estresse no trabalho.

Paula e Naves (2010) discutem as estratégias de enfrentamento dos docentes e colocam que essas estratégias e o estresse não se separam, exigindo que os profissionais pensem na totalidade, no exercício da docência nas dimensões social, pessoal, cultural, política e histórica da própria profissão e conduzam para uma resistência profissional tidas a partir da compreensão do espaço escolar, como espaço-tempo social e cultural de acesso ao saber.

Para Folkman e Lazarus (1986) o *coping* se define com o esforço tanto do comportamento quanto da cognição, que busca gerir de maneira favorável as necessidades internas e externas em um determinado contexto como forma de ajustamento, seja na dimensão física e/ou social. A estratégia de enfrentamento focada no problema ou na emoção e sua forma de enfrentamento dependerão propriamente do indivíduo que é submetido à situação, bem como das estratégias que esse sujeito possui para enfrentá-la.

Frente à situação estressora no trabalho, achar meios para superá-la caracteriza-se como uma necessidade de esse trabalhador manejar de forma racional os problemas do dia a dia. As estratégias de enfrentamento caracterizam-se como o meio no qual se fala.

Vários autores, como Folkman e Lazarus (1986); Pinheiro, Trocoli e Tamayo (2003), definiram as estratégias de enfrentamento como a capacidade de o sujeito enfrentar os problemas que surgem no contexto do trabalho como um processo que se modifica, seja da pessoa para o ambiente seja do ambiente para a pessoa, entendidos como esforço cognitivo e comportamental para tolerar, acertar e tentar controlar as situações internas e/ou externas que o organismo compreende como uma sobrecarga (FERNANDES; INOCENTE, 2010).

Na esteira dessa discussão o estresse em docentes pode se apresentar por processos variados, no entanto, as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos docentes e que ocorrem na sua relação de trabalho estão diretamente ligadas ao tempo de serviço.

Silveira, Enumo e Batista (2014) relatam que as estratégias de enfrentamento em docentes se configuram como de grande importância por três motivos distintos:

- 1º) pelo papel que o docente exerce. O docente caracteriza-se como uma figura que tem como função o ato de modelar comportamentos a partir do clima que é criado na sala de aula e as relações que se constroem;
- 2º) por entender que ele, o docente, também é mediador do estresse gerado entre alunos; e
- 3º) a função da docência requer capacidade de manejo para lidar.

Gomes e Pereira (2008), baseados nos estudos de Folkman e Lazarus (1984), citam as diferentes reações de enfrentamento, que vêm pela dificuldade ou facilidade de reduzir o dano imediatamente depois do episódio estressor.

No processo de reação ao estresse, as estratégias de enfrentamento apresentam-se de três modos distintos: i) pelos recursos que o docente já possui; ii) pela percepção da informação; e iii) pelas estratégias para enfrentar como respostas que são evidenciadas com o objetivo de diminuir tensões internas e externas. Considera-se como estratégia eficiente aquela que não apresenta resultado gerador de um novo problema para nenhum dos lados.

As situações a serem resolvidas pelas estratégias de enfrentamento dependem diretamente de como se apresenta no contexto. Quando uma situação se apresenta

como inalterável o docente se utiliza de estratégias emocionais. Em casos de situações alteráveis os docentes optam por estratégias orientadas pelo problema. Quando a situação requer conselhos de amigos ou rede de apoio, a estratégia centra-se no apoio emocional (GOMES; PEREIRA, 2008).

Com base no que foi discutido é possível entender as várias maneiras estratégicas de enfrentamento no contexto do trabalho, e a partir do conhecimento dessas diferentes formas de atuação de cada profissional docente frente aos dispositivos de estresse no ambiente de trabalho é possível elaborar políticas internas, com caminhos mais eficazes no que se refere à estimulação de modelos e estratégias de enfrentamento que se configurem como as mais adequadas para o processo de intervenção e que ajude a solucionar o problema gerador do elemento estressor.

3 MÉTODO

O método científico supõe que para se estudar qualquer fenômeno faz-se necessário medir, ver, e classificar. O método é o caminho ou a maneira que o indivíduo determina para que possa chegar a um objetivo preestabelecido (RICHARDSON, 2010).

Lakatos e Marconi (2008) coloca que em uma pesquisa faz-se necessário abordar quatro aspectos que trarão ao universo beneficiado muito mais informações que darão suporte para transformações. São eles: i) descrição; ii) registro; iii) análise; e iv) interpretação dos fenômenos atuais observando sua funcionalidade.

3.1 Tipo de Pesquisa

Foi realizada uma pesquisa tipo descritiva, quantitativa, com delineamento e levantamento de dados. A pesquisa descritiva, segundo Richardson (2010, p. 146), caracteriza-se como um processo que “irá descrever aspectos da população, ou analisar se a distribuição de determinadas características ou atributos”. Para o autor, além da descrição o pesquisador ainda possui instrumentos suficientes para comparar, explicar as diferenças e descrevê-las.

Para Richardson, (2010), a pesquisa de método quantitativo é a quantificação de todas as informações coletadas. O tratamento das informações foi quantificado por técnicas estatísticas, partindo de um ponto mais simples e indo até os mais complexos em busca de comprovar os dados. Os estudos de natureza descritiva podem abordar levantamento de opinião e atitudes da população.

Quanto ao levantamento, Andrietta e Miguel (2007) ressaltam que esse modelo de pesquisa apresenta como um dos seus propósitos mais significativos verificar a distribuição de um fenômeno na população.

Martins e Ferreira (2011) destacam que o levantamento é um instrumento semelhante a um tipo de pesquisa ‘censo’, com a diferença de que examina uma amostra da população e o censo direciona-se a toda a população.

Destacam ainda que esse modelo de pesquisa apresenta três finalidades: i) descrever objetivamente, descobrindo elementos diferenciados da população pesquisada; ii) explicar o que se observou; e iii) explorar, trazendo como objetivo o ato de fazer funcionar aquilo que se investigou, a princípio não admitindo que outros

aspectos interferiram na pesquisa e, posteriormente, encontrando possibilidades para novos levantamentos.

3.2 Área de realização

A pesquisa do estresse docente foi realizada na cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão, na área urbana. As escolas que foram submetidas à aplicação do questionário atendem somente crianças até o 5º ano do ensino fundamental, escolhidas por ser esse o público alvo para a verificação do estresse: docentes do ensino fundamental primeira fase.

O município de Imperatriz possui uma área total de 1.368.987 km² que corresponde aproximadamente, a 0,46% do território do estado do Maranhão (333.365,6 km²) (IBGE, 2013).

O Estado constitui-se um dos maiores da região nordeste do Brasil em extensão territorial, evidenciando gradativamente o seu potencial de desenvolvimento a cada dia, libertando-se das amarras da interdependência de outros espaços geográficos próximos no que se refere à economia e política do Estado. (FRANKLIN, 2008)

Sen (2010) coloca que as exigências intelectuais do mercado não são as mesmas que eram antes: as mudanças são intensas e o mercado intelectual precisa estar em consonância com as mudanças sociais estabelecidas.

No contexto de Imperatriz, com uma história educacional ainda muito recente, esse mercado intelectual precisa ser observado com um olhar cada vez mais reflexivo no sentido de, a cada dia, ampliá-lo em condições de desenvolvimento. (FRANKLIN, 2008)

Diniz e Crocco (2006) chamam a atenção para as novas necessidades que visam o desenvolvimento local e o sucesso econômico. Os autores elencam várias necessidades e dentre elas encontra-se a relevância do aprimoramento da aprendizagem no sentido de criar um contexto de transformação e progresso para a educação regional, com vistas à evolução do desenvolvimento local.

No que tange ao desenvolvimento local e a partir de dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação do município de Imperatriz (SEMED 2016), houve de 2013 até 2015 um número que se mantém aproximadamente conservado dentro das escolas públicas no quantitativo de alunos, apresentando-se na seguinte

configuração: em 2013 tiveram 16.727 alunos matriculados no Ensino Fundamental da rede pública, em 2014 tiveram 16.348 alunos e em 2015 14.784 alunos.

Fazendo um paralelo desses dois conjuntos de dados (Brasil e Imperatriz), é possível enxergar realidades distintas. Esse mesmo órgão (SEMED) afirma que atualmente encontra-se atendendo a 94% da população de alunos em idade escolar, referente a modalidade de ensino “Ensino Fundamental primeira fase” no município. Esse percentual vem mostrar que Imperatriz apresenta potencial para desenvolver um trabalho educacional significativo, posto que, uma parcela muito pequena (6%) foi o que se identificou como crianças ainda desassistidas pela rede.

Esse panorama traduz-se como interessante para o desenvolvimento local, mas ao mesmo tempo fomenta a necessidade haver programas dentro das escolas aplicados pela gestão da instituição, que venham promover / continuar situações onde a redução do estresse do docente esteja sendo o foco, transformando condutas culturais e convergindo mais uma vez com Sen (2010) que discute sobre a promoção das liberdades sociais, colocando-a como um componente incontestável em um modelo de educação cidadã.

Para a aplicação dos questionários da pesquisa foram mapeados bairros caracterizados como da zona urbana por dois motivos básicos:

- Por ser, desde o início, essa a proposta: a de não envolver bairros da zona rural do Município; e
- Para melhor constatação de onde havia um número significativo de escolas, objetivando dinamizar o processo de pesquisa de campo. O mapeamento foi realizado a partir das informações de endereços fixos fornecidos pela Secretaria de Educação do Município (SEMED).

Atualmente a rede pública de Imperatriz que atende a essa modalidade de ensino – ensino fundamental primeira fase – apresenta-se em 86 unidades educacionais. As demais oferecem as duas modalidades desse ensino – 1ª e 2ª fases – e totalizam 934 docentes.

Na pesquisa o levantamento Survey, comungando com Andrietta e Miguel (2007), confirmam esse modelo de pesquisa como uma metodologia que vem verificar a distribuição de determinado fenômeno em uma determinada população específica, nesse caso nos docentes da escola pública de Imperatriz, com o objetivo de clarificar como se apresenta a referida demanda – o estresse – e de contrapartida o que é possível fazer frente ao que foi identificado.

3.3 População e Amostra

O Município desde 2010 vive o advento do desenvolvimento. Imperatriz tem se mostrado economicamente diferente por todas as mudanças que têm ocorrido no seu contexto. Caracterizada como uma localidade importante diante da produção de leite, arroz e agronegócio, passou também por mudanças estruturais até mesmo em sua arquitetura (FRANKLIN, 2008).

De acordo com o Plano Municipal de Educação (PME, 2013), Imperatriz conta com 86 escolas públicas municipais (zona urbana) que atende a alunos do ensino fundamental. Diante dessa demanda evidencia-se um público de 935 docentes, que atendem a essa modalidade de ensino.

Esse número refere-se apenas ao *lócus* de pesquisa, pois o número é maior: não estão consideradas as escolas de educação infantil; as da zona rural; nem tampouco as de ensino fundamental que têm a segunda fase, do 6º ao 9º ano.

A consulta ao Plano Municipal de Educação (PME, 2014), que aborda no subtópico 4.2 a valorização do profissional docente, aponta que em nenhum momento se percebem ações claras de intervenção na qualidade de vida no trabalho no que se refere principalmente às questões de ordem físicas e emocionais (PME, 2014).

O presente documento reconhece a necessidade de se criar medidas internas de valorização pautadas em dados estatísticos que confirmam que educadores com maior qualidade no trabalho desenvolvem maiores índices de aprendizagem com os alunos, concluindo no seguinte pensamento: “Para tanto, há que se formularem políticas para que os/as educadores/as possam vislumbrar perspectivas de crescimento profissional e de continuidade de seu processo de formação” (PME, 2014, p 114).

No Plano, as medidas políticas citadas que podem mediar a saúde emocional e física do professor referem-se às políticas internas advindas da escola ou das secretarias responsáveis mais as iniciativas pensadas e planejadas pelos gestores envolvidos e entendidos como líderes pensadores e promotores de ações que venham melhorar a qualidade do trabalho e da vida no contexto educacional, tanto para o docente quanto para o discente (PME, 2014)

Para contribuir com ações positivas no campo da educação local o presente

estudo, que aborda o quadro de estresse dos docentes das escolas do município de Imperatriz e as estratégias de enfrentamento como medida de proteção que esses professores no seu cotidiano já utilizam na busca de minimizar esses efeitos do estresse diário traduz-se como o primeiro passo rumo a maiores contribuições na educação local.

Isso por que se faz necessário primeiro entender como se encontram esses docentes em relação à sua saúde física e emocional, em seguida analisar como enfrentam os obstáculos do dia a dia, para que, posteriormente, seja possível sistematizar os dados obtidos com o objetivo de difundir esse quadro e suas estratégias para outros, beneficiando a princípio o contexto local e posteriormente geral.

Sen (2010) discute o desenvolvimento como uma cadeia em uma situação que interfere na outra de maneira direta. Tal análise vem evidenciar que é necessário evoluir não somente no que refere à economia, com renda como forma de liberdade, mas também no que se refere a estratégias de domínio nos processos vividos, bem como o usufruto de cada um deles.

Houve a necessidade de aplicar um grande número de questionários para que se pudesse chegar ao objetivo da pesquisa, uma vez que, seriam de 272 questionários respondidos obrigatoriamente, era o quantitativo considerado como a amostra mínima a partir da população de docentes do município de Imperatriz Maranhão.

Como o foco de pesquisa eram os docentes do ensino fundamental primeira fase, o estudo foi direcionada a esse público. O número geral de docentes da rede pública do município de Imperatriz, totalizou em 934 docentes como o número de toda a rede. Para calcular o grupo amostra deste estudo foram realizados os seguintes procedimentos (SPIEGEL, 1999): verificação do universo (934); variância $S (0,25)$; margem de segurança $Z = 1,96$; e margem de erro = 0,05.

Foram distribuídos 610 questionários ao todo em 45 escolas da zona urbana de Imperatriz e houve um retorno de 325, eliminados 15, constituindo amostra final de 310 docentes.

O número de questionários tornou-se maior pelo motivo de a pesquisa ser de levantamento e com a condição de o docente ficar livre para responder.

O critério de seleção para a participação dos autores da pesquisa foram grupos de docentes de cada uma das escolas visitadas. Foi realizado um

mapeamento de blocos de unidades de ensino que trabalhavam somente com alunos de ensino fundamental de primeira fase. Em cada unidade de ensino era entregue aos docentes os referidos questionários e os mesmos estariam livres para responder ou não.

Ao final da pesquisa foram coletados ao todo 325 questionários. Desse número foram descartados 15 questionários por estarem incompletos, ficando uma amostra final a ser tabulada composta de 310 questionários considerada como suficiente pelos cálculos realizados, baseados em Spiegel, 1999 para o alcance dos objetivos da pesquisa. As escolas que foram selecionadas para a aplicabilidade dos questionários oferecem somente ensino fundamental primeira fase, do 1º ao 5º ano.

Diante disso, o objetivo de aplicabilidade da pesquisa por levantamento foi alcançado, pois o público a que foi direcionada foi contemplado pela significância do número de escolas que responderam ao questionário.

Foram convidados a participar somente os docentes que permanecem o turno completo na instituição, os titulares, excluindo dessa amostra outros docentes com participação esporádica, como o professor de Educação Física, por exemplo.

Nesse sentido, pelo cálculo realizado ($n= 934$); variância $S 0,25$; margem de segurança $Z=196$; e margem de erro = $0,05$) a amostra mínima da presente pesquisa envolve 272 docentes, profissionais de ambos os gêneros, do ensino fundamental da primeira fase, em um ou dois turnos, que trabalham no mínimo há um ano e estivesse em atividade docente

A amostra foi por acessibilidade pelo fato de se caracterizar como um instrumento destituído de qualquer rigor estatístico, bastando somente que o pesquisador selecionasse os elementos que poderão representar o universo pesquisado (MAROTTI, 2008). Essa amostra é adequada e frequentemente utilizada para a geração de ideias em pesquisas, principalmente a exploratória (OLIVEIRA, 2001). Nesse sentido, o presente modelo de amostra veio convergir com os demais instrumentos de coleta de dados estabelecidos para o presente estudo.

3.4 Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta de dados:

- A- **Questionário de Identificação da Amostra (QIA)**: tem como objetivo o registro de dados gerais da amostra: gênero, idade, estado civil, número de

filhos, escolaridade, horário de trabalho, tempo de serviço na profissão, outras atividades que desenvolve, em que horário, e se fez ou faz tratamento psicológico, médico ou psiquiátrico. (INOCENTE, 2005)

B- Modelo Esforço e Recompensa no Trabalho (ERI): avalia o estresse ocupacional com vinte questões e com os seguintes indicadores:

- **i) esforço extrínseco:** pressão do tempo, interrupções, responsabilidades, pressão para trabalhar horas extras, trabalho fisicamente exigente, demandas crescentes;
- **ii) recompensa extrínseca:** gratificação monetária (salário e esforços), recompensa em estima (respeito, apoio adequado e tratamento injusto), segurança e oportunidade de carreira (promoção, mudança indesejável e insegurança no trabalho); e
- **iii) supercomprometimento:** necessidade de aprovação, competitividade, irritabilidade, incapacidade de retirar-se do trabalho. Os índices de confiabilidade interna, 0,74, mostraram-se adequados (INOCENTE, 2005).

C- Inventário Estratégias de Enfrentamento no Trabalho (Coping Ocupacional): tem a versão brasileira com tradução e adaptação de Pinheiro, Troccoli e Tamayo (2003). Apresenta bom índice de confiabilidade interna variando entre 0,77 a 0,81. Trata-se de uma escala proposta por Latack (1986) que apresenta os seguintes fatores:

- I. controle que consiste em ações e reavaliações cognitivas proativas;
- II. escape que são ações e reavaliações cognitivas que sugerem fuga ou um modelo de evitação; e
- III. manejo de sintomas que são estratégias utilizadas pelo indivíduo para administrar eventos relacionados ao estresse (PINHEIRO; TROCCOLLI; TAMAYO, 2003).

3.5 Procedimento de Coleta de Dados

Este trabalho foi desenvolvido nas escolas da rede pública no município de Imperatriz, estado do Maranhão. Foi encaminhado um ofício à Secretaria de Educação do Município para autorizar a pesquisa e em seguida às instituições,

solicitando aos gestores permissão para a realização da pesquisa após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido Institucional (ANEXO C).

Foram incluídos no presente estudo os docentes que concordaram em responder aos questionários e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participantes, elaborado de acordo com a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro 2012, do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta os protocolos de pesquisa com seres humanos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté e aprovado com o protocolo nº 015472/2015.

3.6 Procedimento de Análise de Dados

Os procedimentos utilizados são de natureza quantitativa para a tabulação e análise percentual dos questionários, com cruzamento entre os instrumentos estatísticos. Na presente análise foi utilizado o programa IBM SPSS Statistic 20 e os seguintes testes:

a) **Alfa de Cronbach**: entendido como um instrumento de aferição da confiabilidade dos dados, sendo essa sua principal característica. É um dos principais estimadores de confiabilidade pela sua variância utilizada para medir a consistência interna, a média das correlações entre os itens que fazem parte de um instrumento; e

b) **Qui-Quadrado** com o *software* SPSS: possibilita avaliar a existência de associação entre as variáveis esforço/recompensa e os fatores sociodemográfico e enfrentamento sociodemográfico.

A presente pesquisa traz como aferição de confiabilidade pela escala do Alfa de Cronbach os seguintes resultados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Alfa de Confiabilidade

Questionários Aferidos Pelo Alfa De Cronbach	Resultados
Questionário de Esforço no Trabalho – ERI	0,78
Questionário de Recompensa no Trabalho – ERI	0,70
Questionário de Supercomprometimento no Trabalho	0,72
Questionário de Enfrentamento no Trabalho – Controle	0,86
Questionário de Enfrentamento no Trabalho – Esquiva	0,72
Questionário de Enfrentamento no Trabalho – Manejo	0,80

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização da área de estudo

A pesquisa teve como campo a rede de escolas públicas de ensino fundamental 1ª fase do município de Imperatriz, segunda maior cidade do estado do Maranhão com uma população de aproximadamente 251.468 habitantes, apresentando densidade demográfica de 180,79 hab./km².

Encontra-se localizada em uma região privilegiada do Estado, por fazer parte da rota Belém-Brasília, tornando-se assim ponte para muitas outras regiões do Brasil (IBGE/2013). Imperatriz configura-se como uma cidade com aspectos culturais ainda confusos, exatamente pela miscigenação dos seus habitantes. É o berço de várias culturas que trazidas pelos seus moradores acabaram se instalando.

Figura 08: Localização de Imperatriz no Estado do Maranhão



Fonte: <http://ianalitica.files.wordpress.com/2011/09/imperatriz-ma1.jpg>

Nesse sentido faz-se necessário compreender que o desenvolvimento de uma região implica numa combinação de fatores, dentre eles, uma gestão que priorize a educação de maneira estruturada para que se perceba no seu processo nuances de mudanças e com isso a necessidade de transformação de contextos.

De Secretaria Municipal de Educação (SEMED) a Tabela 2 apresenta o Censo Escolar 2015. Percebe-se que há um número de alunos considerável no que se refere ao quantitativo de alunos atendidos pelas instituições de ensino fundamental, primeira fase, nas escolas públicas da cidade de Imperatriz. Esse número significativo tem se mantido nestas instituições e tem apresentado o seguinte quadro do 1º ao 5º ano. 16.727 alunos matriculados no ano de 2013 e 16.348 alunos

matriculados no ano de 2014.

Tabela 02 - Censo 2015

Anos	Matric. Inicial	Aprov	%	Reprov	%	Transf.	%	Evasão	%	Falecido
1°	3.087	2.842	92,1	-	-	217	7,0	28	0,9	0
2°	3.133	2.915	93,0	3	0,1	193	6,2	22	0,7	0
3°	3.253	2.821	86,7	185	5,7	209	6,4	37	1,1	1
4°	3.449	3.007	87,2	209	6,1	199	5,8	34	1	0
5°	3.729	3.280	88	215	5,8	196	5,3	38	1	0
Total	16.651	14.865		612		1.014		159		1

Fonte: Secretaria Municipal de Imperatriz - 2016

Frente ao número de alunos apresentados desde 2013 a 2015, mais uma vez ressalta-se a necessidade de trazer o docente para o bojo da discussão, no que se refere à qualidade no trabalho desse profissional, por dois motivos básicos:

a) Por compreender que uma educação cidadã necessita suprir as necessidades tanto sociais, quanto do indivíduo. Precisa também primar pelas duas vias de acesso, compreendida como a relação professor e aluno;

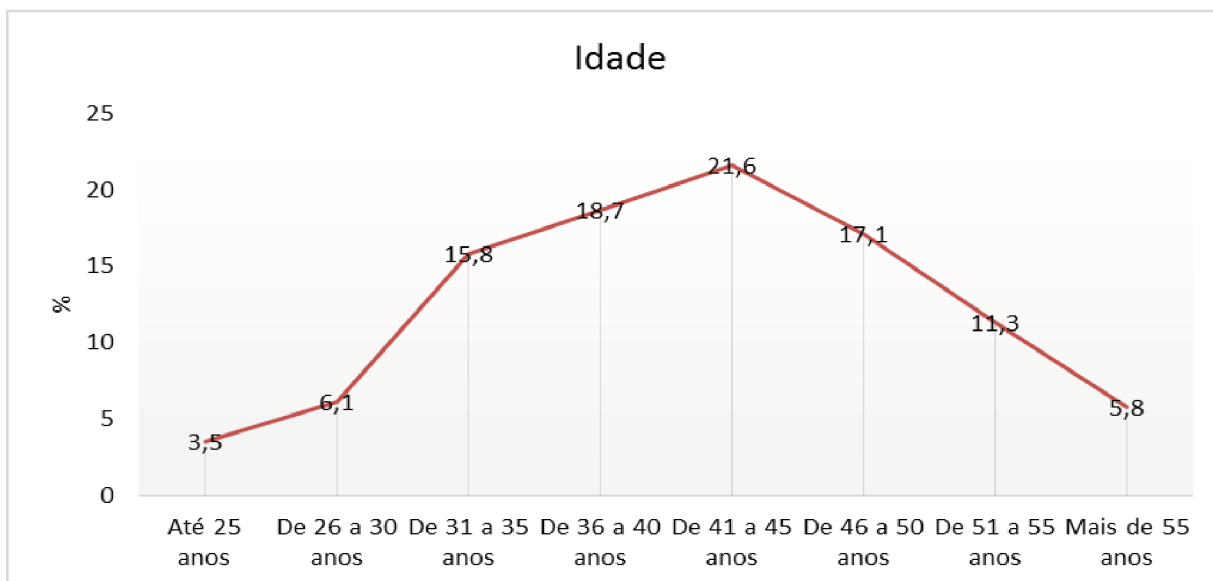
b) Por entender que nesse contexto o docente necessita ser melhor assistido dentro das políticas internas da escola na figura do gestor.

4.2 Resultados do Perfil Sociodemográfico

Por perfil sociodemográfico entende-se o estudo que transversaliza uma determinada população de interesse do pesquisador com o objetivo de caracterizar as condições típicas daquela população nos seus aspectos primários da vida, permitindo o conhecimento, a caracterização e a categorização de maneira assertiva do grupo estudado (VEDOVATO; MONTEIRO, 2008).

Os dados coletados deixam claro que, as informações que foram acessíveis a partir dos questionamentos, se configuram como de grande importância para que seja possível visualizar a panorâmica de um determinado contexto pesquisado, no qual se pretende retratar a realidade de um campo específico.

O perfil sociodemográfico dos 310 professores pesquisados da rede pública de Imperatriz traz os dados referentes aos seguintes aspectos: idade; gênero; estado civil; horas trabalhadas por semana; tempo de serviço; área de atuação; regime de trabalho; formação acadêmica; tratamento de saúde (psicológico/psiquiátrico); título acadêmico; categoria funcional e pós-graduação.

Figura 9 - Representação Gráfica - Idade

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

A Figura 9 evidencia o perfil sociodemográfico no que se refere idade dos docentes da amostra pesquisada nas escolas do município de Imperatriz. Os resultados apontam para docentes de até 25 anos até mais de 55 anos. Houve uma predominância de docentes com idade entre 31 a 55 anos. Apenas 3,5% têm 25 anos; 6,1% têm entre 26 e 30 anos, aumentando significativamente esse percentual quando se adentra à idade a partir dos 31 anos.

No exercício da profissão, atualmente, nas escolas públicas do município de Imperatriz encontram-se docentes que têm as seguintes idades: entre 41 e 45 (21,6%). Os resultados apresentados divergem parcialmente das pesquisas realizadas nas regiões norte, nordeste, sul e sudeste, em um estudo realizado pelo Ministério da Educação em parceria com o INEP (2009), documento considerado um estudo exploratório sobre o professor brasileiro. O referido documento cita que a população de educadores tem predominantemente idade entre 38 a 41 anos, corroborando com os estudos desenvolvidos por Inocente (2005) em pesquisa realizada com professores universitários no Vale do Paraíba e que apresentam idades entre 36 a 45 anos.

Já no município de Imperatriz esses números se diferenciam. Há um predomínio de 21,6% de educadores com idade entre 41 a 45 anos. Quando comparado com os dados das pesquisas ressaltadas, é possível visualizar uma diferença entre a idade dos educadores do município de Imperatriz e os resultados

mostrados nas pesquisas. É possível descrever que os docentes da rede pública de Imperatriz apresentam-se predominantemente com idade acima dos demais docentes do Brasil.

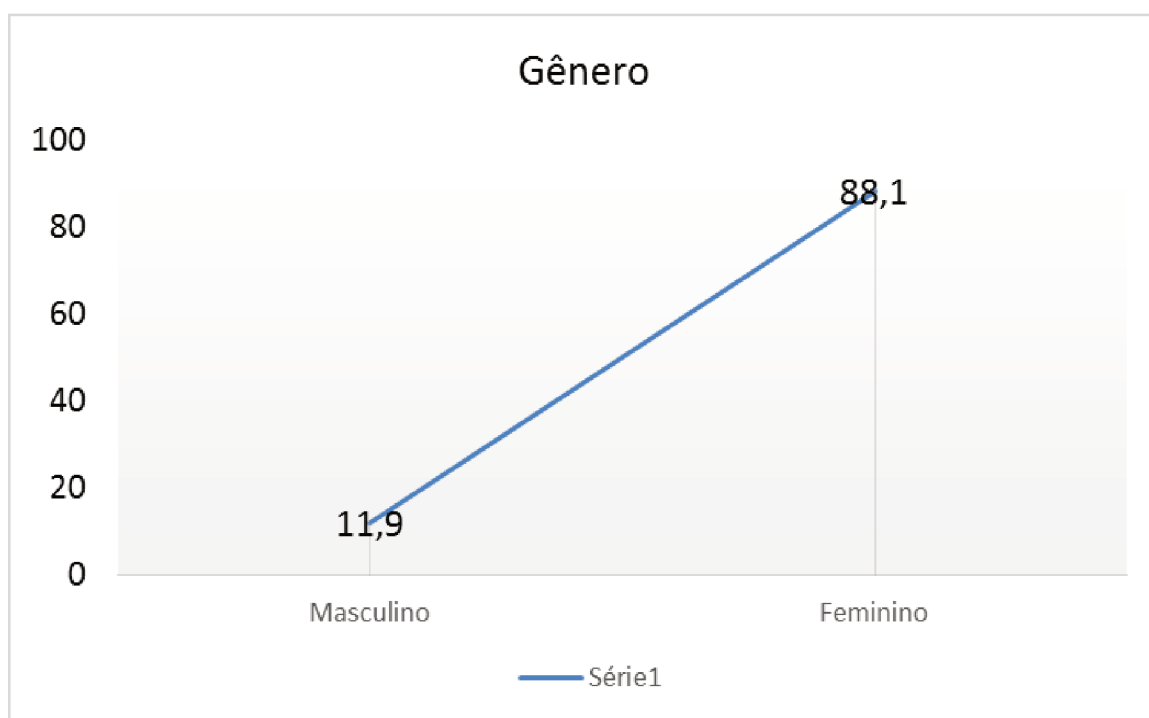
Frente a realidade da escola pública de Imperatriz, faz-se necessário ressaltar dois critérios importantes no que se refere a idade dos docentes e a modalidade de ensino na qual os mesmos desenvolvem as suas atividades:

a) Quanto à modalidade de ensino e o aluno: é frequentada por educandos com idade extremamente ativa, associada a uma disposição física típica da idade para desenvolver qualquer tipo de atividade;

b) Quanto aos educadores: Diante dos dados das escolas de Imperatriz, a maioria se encontra em um momento de diminuição de resistência, pelo próprio processo natural da vida.

Souza (2013) também traz grandes contribuições quanto à idade dos educadores brasileiros, bem como ao tempo de trabalho a que estão submetidos em suas instituições. Segundo o autor, há uma permanência de tempo de profissão, principalmente dos docentes do ensino fundamental e, conseqüentemente, uma homogeneização da classe baseada no número reduzido de pessoas que escolhem a docência.

Esse fato promove um modelo de política salarial que vem dar equidade aos profissionais que já têm um tempo significativo na profissão e aos que estão sendo inseridos, concluindo que a população de docentes é uma população envelhecida e a entrada de jovens ocorre em menor proporção nas escolas de ensino fundamental.

Figura 10 - Perfil Sociodemográfico - Gênero

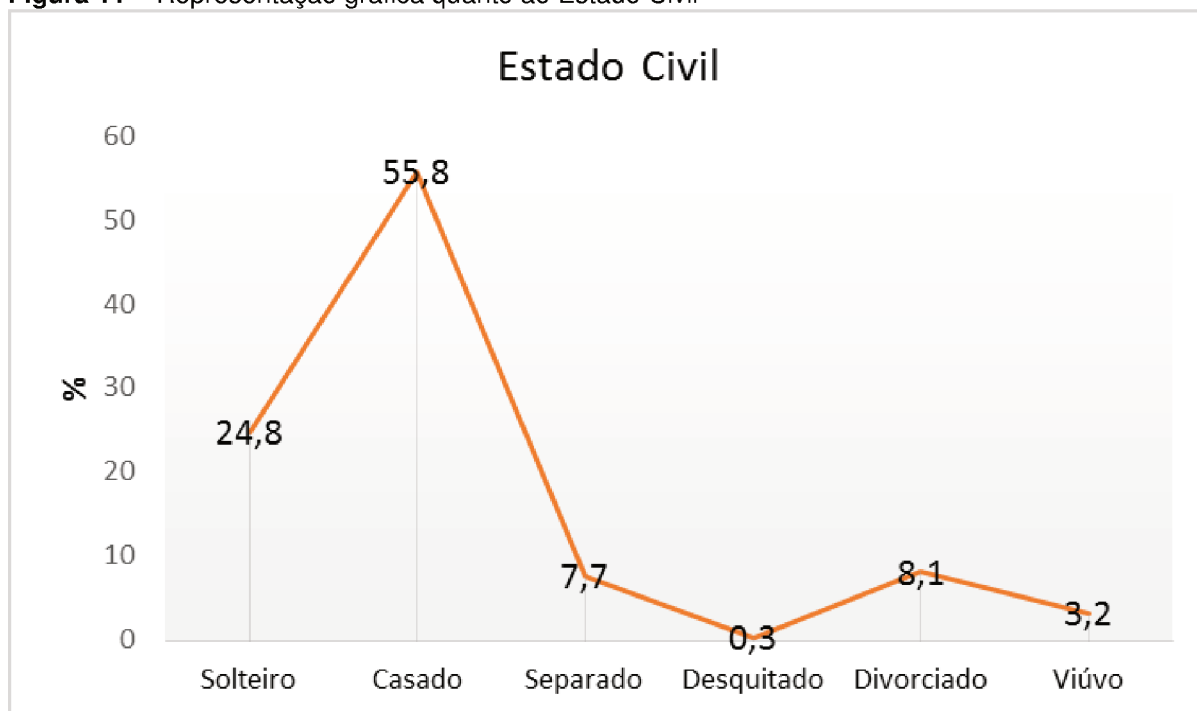
Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

A Figura 10 traz os dados no que se refere ao gênero dos docentes pesquisados no município de Imperatriz, mostrando que 88,1% dos educadores atuantes nas escolas eram do gênero feminino.

Os resultados revelam um predomínio desse gênero, convergindo com pesquisas realizadas pela UNESCO (2009) em nível de Brasil, mostrando que 81,3% dos professores brasileiros são de gênero feminino em consonância com o INEP (2009) que trazem dados mostrando que 91,2% dos educadores do ensino fundamental primeira fase são do gênero feminino (SOUZA, 2013).

No entanto, esses dados predominantemente femininos são tipicamente característicos das fases iniciais da escolaridade. Os referidos dados comungam com as pesquisas de Tardiff (2014) que relata que o gênero feminino se traduz como um quantitativo significativo na categoria do ensino fundamental de primeira fase.

O número de educadores do gênero feminino cai à medida que os educandos mudam de nível e idade INEP (2009). Nas pesquisas realizadas por Inocente (2005) em outra modalidade, no ensino superior, os dados mostram que 53% dos educadores são do gênero masculino. Esses dados se diferenciam das pesquisas de Ensino Fundamental no seu percentual.

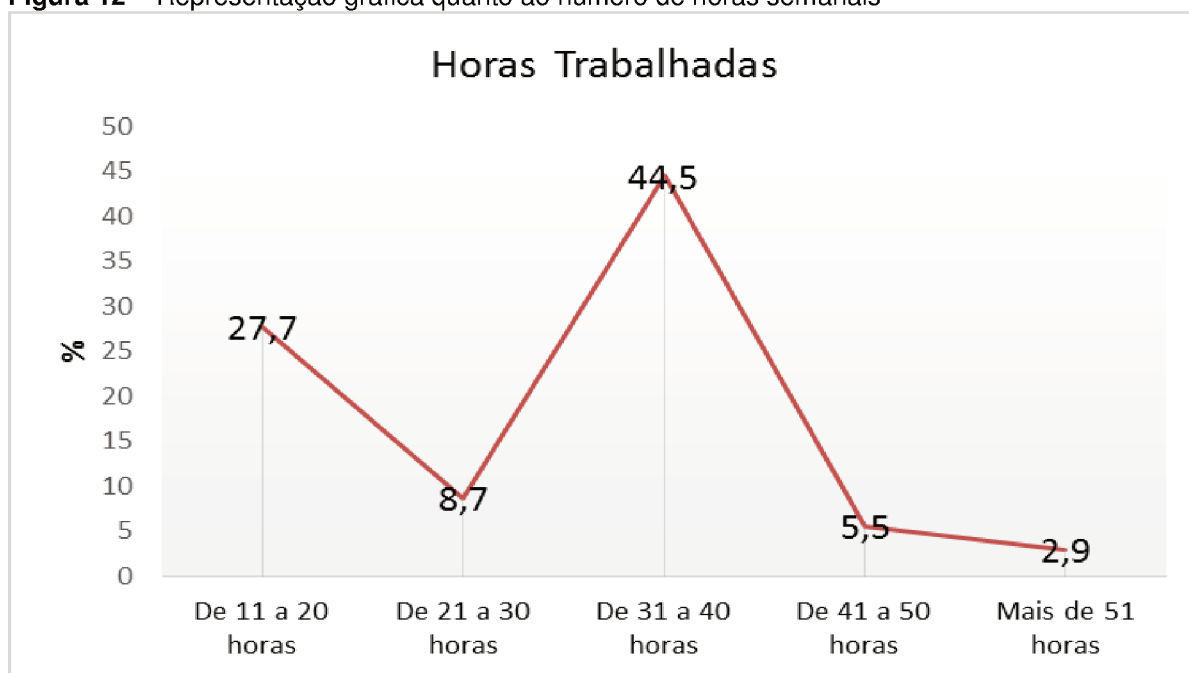
Figura 11 – Representação gráfica quanto ao Estado Civil

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

Os dados da Figura 11 evidenciam que em relação ao estado civil entre os 310 educadores pesquisados 55,8% são casados; 24,8% solteiros; 7,7% separados; 0,3% e 3,2% viúvos.

Os referidos dados convergem com as pesquisas realizadas pela UNESCO (2009) em nível nacional. No documento 'Perfil do Educador' consta que a maioria dos educadores que atuam no Ensino Fundamental primeira fase, são casados.

Lipp (2002) discute sobre o estado civil do docente (casado), a predominância do gênero feminino nas escolas e a responsabilidade que esse profissional ainda carrega ao final dos seus expedientes normais de trabalho no campo profissional, estendendo-se para seus domicílios. Para a autora, a variada carga de trabalho que precisa assumir não se esgota ao sair da escola. A continuidade das tarefas domésticas que, culturalmente são dedicadas às esposas, acaba também por acarretar outra jornada de trabalho, acarretando cansaço, o que pode gerar dispositivos estressores e os mesmos serem projetados no espaço de trabalho escolar em formato de ações junto ao outro, seja aluno, seja colega de trabalho, seja pais ou qualquer outro sujeito desse espaço.

Figura 12 – Representação gráfica quanto ao número de horas semanais

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

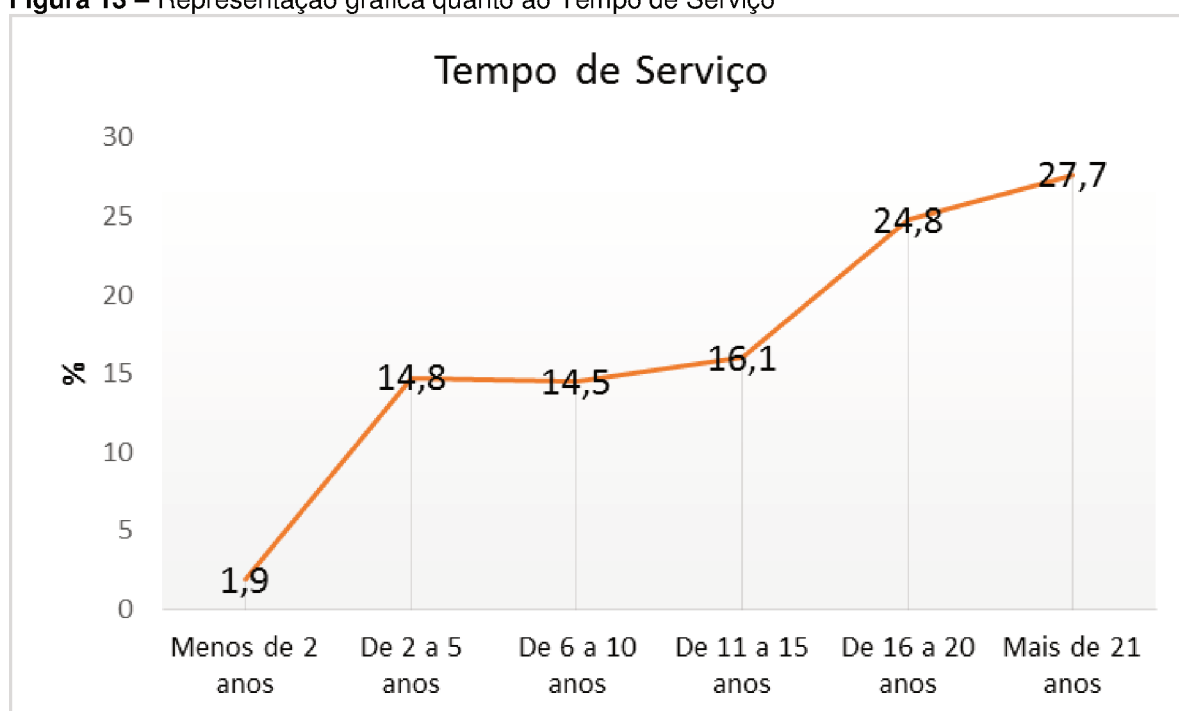
Na Figura 12, os dados da pesquisa revelam que 27,7% dos educadores da rede pública do município de Imperatriz trabalham de 11 a 20 horas semanais; 8,7% de 21 a 30 horas; 44,5% de 31 a 40; 5,5% de 41 a 50; e 2,9% trabalham mais de 51 horas por semana.

Esses dados convergem com os dados apresentados na pesquisa de Gomes e Brito (2006) que traz carga horária semelhante. Em decorrência da baixa valorização profissional, no que se refere a situação salarial, os docentes precisam ter vários empregos em esferas públicas e privadas, sendo igual apenas nos seguimentos – educação – mudando propostas e ações desse docente para que possam dar conta dos seus orçamentos.

Em dados coletados na Secretaria de Educação do município de Imperatriz (SEMED), o perfil salarial dos docentes de Ensino Fundamental apresenta-se com um piso salarial 20hs Nível I equivalente a R\$ 1.085,24 (R\$13,50 o valor da hora aula) O nível I corresponde a profissionais que ao ingressarem no serviço público sem graduação de nenhuma natureza. Ao longo da profissão ele pode fazer a graduação, no entanto, a condição da matrícula inicial permanece e piso salarial referente a 20h / semana para docentes de nível III equivalente a R\$ 1.420,98 (R\$17,75 o valor da hora aula). O profissional de nível III ao ser inserido no serviço público já possui graduação concluída.

Sobre esse aspecto – salarial – e tendo como base os dados da pesquisa realizada, foi possível constatar que, diante da população pesquisada, o número maior de docentes tem um estado civil casado, implica numa responsabilidade orçamentária de natureza doméstica, que muitas vezes forçam a tomada de decisão de ter mais de um emprego, e variar no que se refere aos tipos de escola (pública e privada) com modelos de trabalhos diferenciados, ficando mais suscetível a quadros de estresse pelas diferenças de ações aplicadas em cada um dos contextos.

Figura 13 – Representação gráfica quanto ao Tempo de Serviço



Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

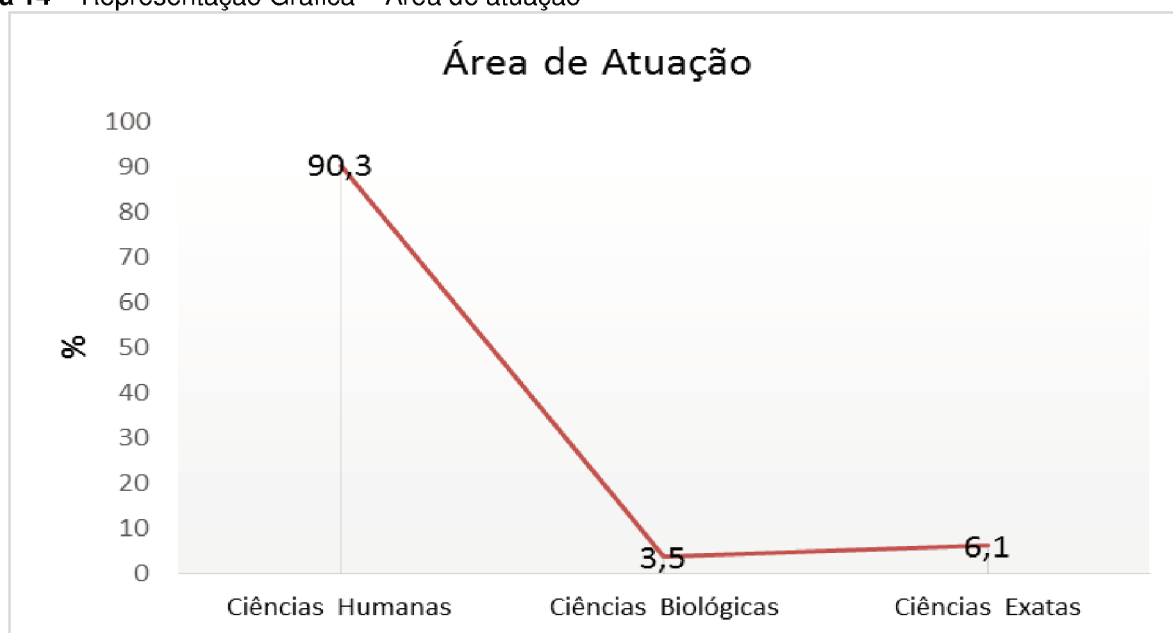
Na representação gráfica da Figura 13, evidenciam-se os dados coletados na pesquisa quanto ao tempo de serviço dos docentes da amostra pesquisada. Os números mostram que há um predomínio de profissionais que já têm mais de 21 anos de trabalho contínuo com representatividade de 27,7% do total da pesquisa; de 16 a 20 anos são 24,7%; entre 11 a 15 anos 16,5%; de 6 a 10 anos 14,5%; de 2 a 5 anos são 14,8%.

Souza (2013) em pesquisas realizadas tendo como base o Censo dos Profissionais do Magistério vem concordar com Tardif (2014) quanto à experiência dos docentes em sua profissão por um tempo muito mais alongado, permitindo assim que esse profissional crie estratégias variadas de trabalho.

Essa experiência de anos de trabalho na escola, associada a formação

continuada, entendida como um direito assegurado a escola segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB), vem garantir uma maior propriedade nas ações desse docente no seu dia a dia de trabalho, combinando de forma eficiente duas condições significativas de trabalho que são a experiência por já ter um manejo muito mais seguro sobre o seu fazer pedagógico e a garantia da atualização daquilo que está sendo requerido como condição de desenvolvimento desse aluno.

Figura 14 – Representação Gráfica – Área de atuação



Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

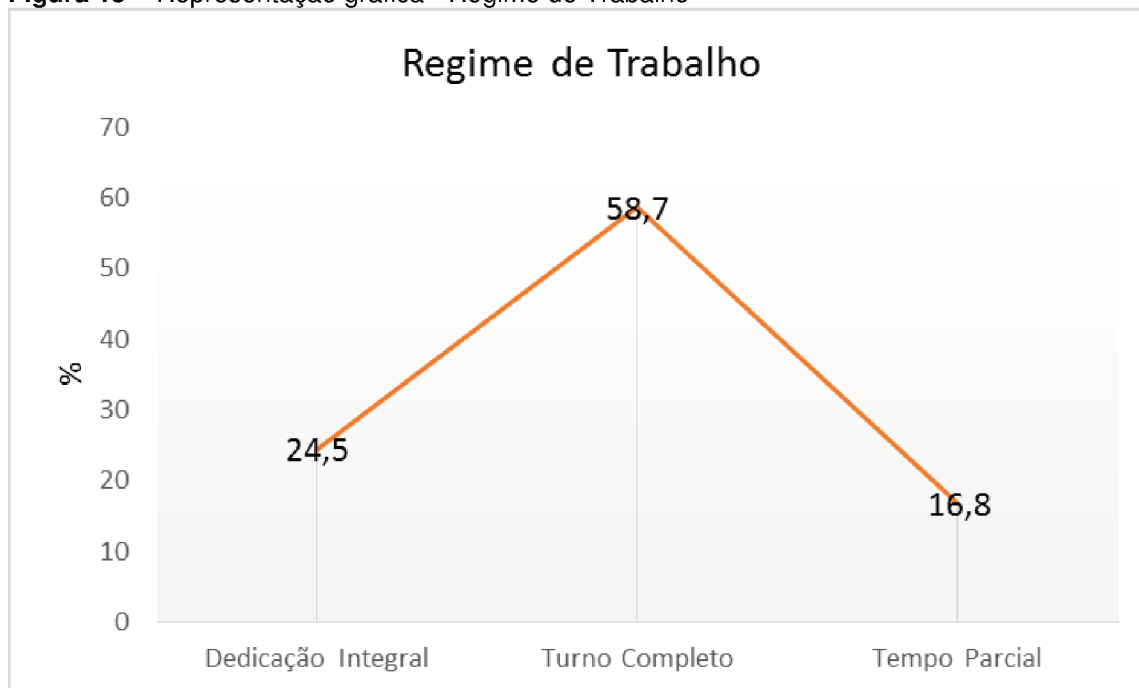
A Figura 14 traz os dados referentes à área de atuação da amostra dos docentes pesquisados. Dentre eles, 90,3% encontram-se inseridos na área das Ciências Humanas; 3,5% em Ciências Biológicas e 6,1% em Ciências Exatas.

Os referidos dados evidenciam uma acentuada convergência entre a área de atuação (Ciências Humanas) e o ensino fundamental primeira fase, já que 90,3% dos docentes atuam em todas as disciplinas da série em que trabalham durante todo o turno de trabalho. Em 9,7% há uma variação no que se refere às áreas de atuação nessa modalidade de ensino.

Quanto a essa temática, Tardif (2012) traz essa rotinização de forma clara como um processo ininterrupto e repetido, comparando com um modelo usineiro e burocrático, padrão advindo das sociedades industriais, entendendo essa ação como um procedimento que muitas vezes é realizado diariamente, porém sem

muitas reflexões acerca daquilo que está sendo executado. O processo se torna, portanto, automatizado, generalizado, sem levar em conta a quem estão sendo direcionadas as ações pré-elaboradas e que muitas vezes tornam-se inadequadas, gerando daí situações estressoras e de cansaço por parte do profissional.

Figura 15 – Representação gráfica - Regime de Trabalho

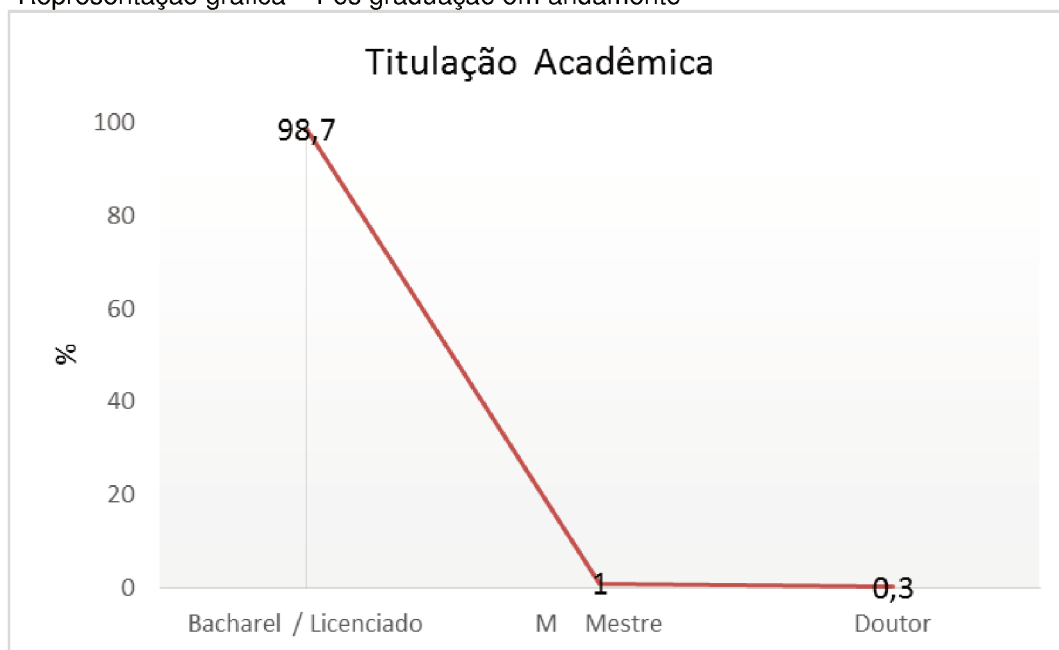


Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

A Figura 15 traz os dados do regime de trabalho dos docentes que participaram da pesquisa no município de Imperatriz. Desses, 76, que equivalem a 24,5%, têm dedicação integral, exclusiva, que em alguns momentos ultrapassa as 8 horas regulares de trabalho; 182, equivalente a 58,7%, têm turno completo, com oito horas de trabalho diário, e 52 docentes, equivalentes a 16,8% da pesquisa, têm turno parcial com quatro horas de trabalho diário.

Em relação a esses percentuais, Souza (2013) em suas pesquisas mostra que 60% dos docentes brasileiros que atuam no ensino fundamental trabalham em uma única escola, pois há vantagem tanto para o docente, que não precisará se deslocar para outras instituições, quanto para a instituição em si, que no processo de formação continuada do docente já o atende nos dois períodos de trabalho, gerando muito mais tranquilidade à gestão escolar.

Essa observação vem convergir com os dados da pesquisa pela predominância do turno completo que se constata na amostra (58,7%).

Figura 16 – Representação gráfica – Pós graduação em andamento

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

A Figura 16 traz os dados dos títulos acadêmicos dos docentes que fizeram parte da pesquisa. Do total, 98,7% são licenciados, o que equivale a 306 educadores; três (1%) têm o título de Mestre, mas não foi possível identificar a linha de pesquisa; e um (1) tem o título de Doutor, correspondendo a 0,3% da amostra.

Há exigências, determinadas pelos instrumentos legais como Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 e Plano Nacional de Educação (PNE), que corroboram a fala de Sen (2010) em relação às liberdades. A educação entra no conjunto das liberdades sociais, que induzem o educando a uma condição de vida mais participativa nas decisões econômicas, sociais e políticas. A condição do não aprender, para Sen (2010) configura-se como um entrave para o processo de desenvolvimento.

Sobre LDB/9394/96, onde a mesma deixa claro em seu artigo 13 que o docente é incumbido a participar de modo efetivo das decisões da escola, formação inicial e continuada, com o propósito de ampliar seu repertório de atuação no contexto educacional, seguindo um padrão de qualidade estabelecido pelo Ministério da Educação, associado às exigências atuais do mercado e os avanços científicos, que devem ir paralelos a esse desenvolvimento.

De acordo com artigo 13 da LDB/1996, os docentes incumbir-se-ão de:

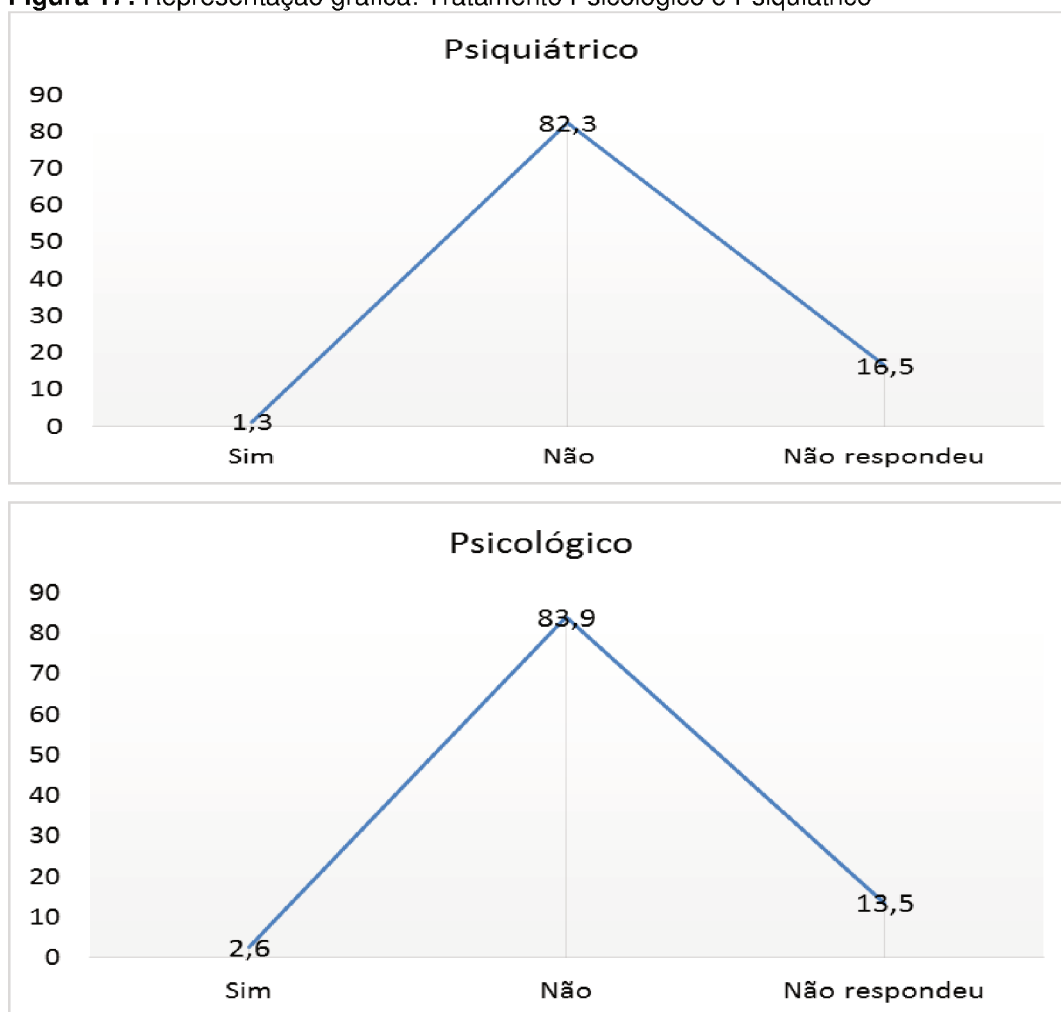
I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II – elaborar e cumprir plano de trabalho segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; III – zelar pela aprendizagem dos alunos; IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; V – ministrar os dias letivos e horas-aulas estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento; VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (BRASIL 1996).

Frente ao artigo acima descrito, é possível visualizar funções dadas ao docente que vão além do exercício de sala de aula, direcionando para que esse profissional possa transitar em outros contextos da escola, bem como, nas discussões e decisões a serem tomadas. Vale ressaltar que a participação desse docente nesses processos traduz-se como algo precioso. No entanto, pergunta-se sobre a disponibilidade de tempo desse profissional para todas essas demandas, uma vez que a própria LDB dá ênfase para o cumprimento dos dias letivos estabelecidos.

Segundo Sen (2010), preocupação com uma educação cidadã a partir do trabalho desenvolvido nas instituições, caracteriza-se como um dos primeiros processos capazes de provocar mudanças em um determinado contexto seja ele local, regional ou nacional. Essa tomada de iniciativa é de fundamental importância, pois se configura como um pilar significativo para a mudança no que se refere às situações educacionais locais e suas liberdades.

Pimenta (2015) afirma que há uma complexidade na prática docente por a mesma se traduzir como social, dialética e transformadora de todos os sujeitos envolvidos, aqui entendidos como docentes, discentes e famílias. O processo de ensino como prática social é multável e, portanto, necessitam de reconfigurações construindo um novo sentido para o fazer docente, associado as necessidades da realizada vivenciada.

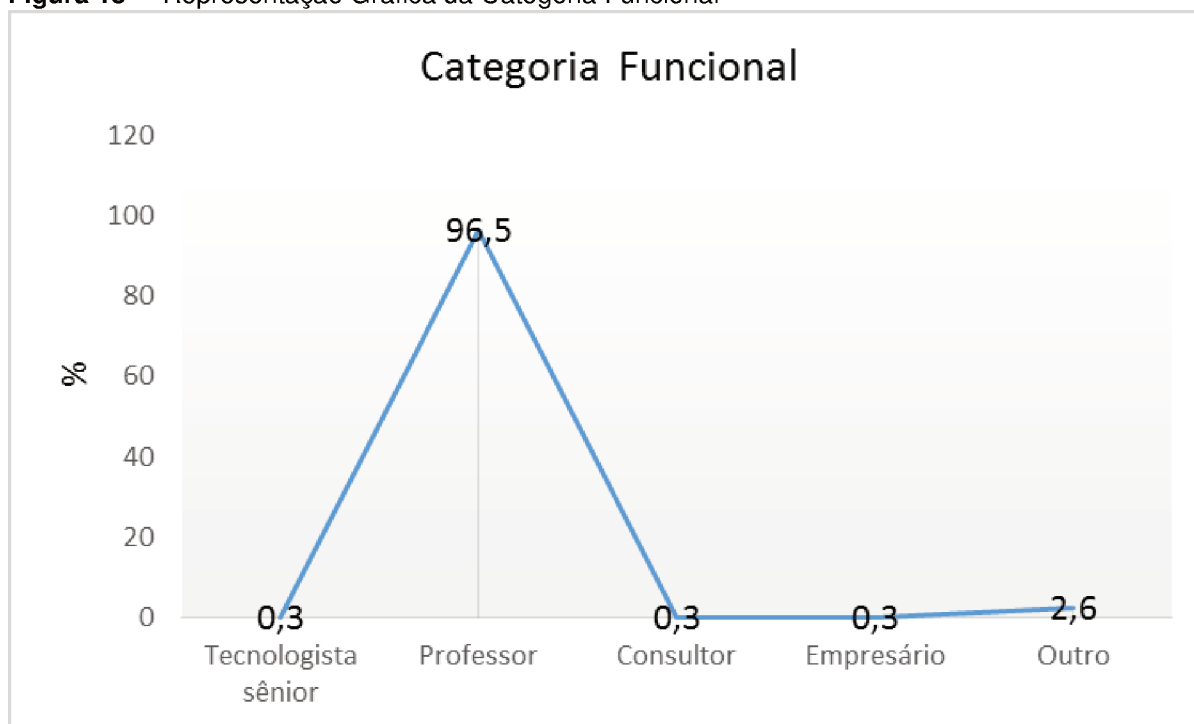
Tomando como base a pesquisa realizada e a importância dada ao processo de formação desse profissional, é possível constatar pelos dados da pesquisa um percentual expressivo (98,7%) de docentes que se encontram com suas titulações adequadas para o exercício da profissão no contexto do Ensino Fundamental, como exige a LDB 9394/96 em seu artigo acima. Frente a esse percentual pode-se afirmar que os docentes da escola pública do município de Imperatriz Maranhão já são conhecedores das bases teóricas que supõe garantir uma práxis mais assertiva.

Figura 17: Representação gráfica: Tratamento Psicológico e Psiquiátrico

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

A Figura 17 traz os dados dos docentes que fazem ou já fizeram tratamentos psicológico e psiquiátrico. No que tange ao tratamento psicológico, oito educadores (2,6%) relataram que já fizeram; 260 afirmaram que não fizeram (83,9%); e 42 educadores não responderam (13,5%). Quanto ao tratamento psiquiátrico, quatro educadores relataram que já fizeram (1,3%); 255 afirmaram que nunca fizeram (82,3%) e 51 (16,5) não responderam.

Lipp (2010) discorre sobre as variações no que se refere à resistência dos indivíduos para suportar determinadas situações que podem ocorrer nos mais variados contextos, endossadas pelas pressões de várias ordens, pondo em discussão o nível de tolerância às condições estressoras, ressaltando que mesmo pequenos eventos podem ser acumulativos, transformando-se em grandes fontes de estresse.

Figura 18 – Representação Gráfica da Categoria Funcional

Fonte: Dados da Pesquisa - Imperatriz, 2015.

A Figura 18 mostram os dados relacionados à categoria funcional dos educadores. Os dados retratam que dentre eles há uma pequena porcentagem que exerce outras funções extraescolares. Assim, do público pesquisado, um (1) educador (0,3%) é tecnologista sênior; um (1) é consultor (0,3%); um (1) é empresário (0,3%); oito (2,6%) têm outros meios de trabalho; e 299 (96,5%) são especificamente educadores.

Souza (2013) discute as variações dos locais de desenvolvimento da atividade de trabalho, isso por que fatores como outras preocupações e deslocamentos induzem a um maior nível de estresse no educador. Vale ressaltar a predominância dos resultados da pesquisa entre os educadores do município de Imperatriz evidencia que 96,5% desempenham somente a função de docente.

4.4 Associação entre Esforço e Recompensa (ERI) e variáveis sociodemográficas

Para a aplicação do teste entre Esforço e Recompensa no Trabalho (ERI), pautou-se no requisito de grupos independentes, pois apesar de estarem na mesma instituição, não houve nenhum critério de obrigatoriedade de o docente responder os questionários. Os grupos se fizeram a partir de uma logística e tornaram-se

independentes porque havia apenas o critério de ser docente no Ensino Fundamental de primeira fase.

Foram submetidas ao teste de associação as variáveis: Esforço e Recompensa intrínseca e extrínseca com as variáveis sociodemográficas: idade, gênero, estado civil, horas de trabalho, tempo de serviço, formação acadêmica e tratamento psicológico e psiquiátrico.

O teste estatístico utilizado para o tratamento dos dados foi o Qui-Quadrado (χ^2) com $(C - 1) * (L - 1)$ graus de liberdade onde C significa coluna e L indica o número de linhas e 5% de significância estatística. O critério é comparar o p-valor encontrado no teste com um valor de significância pré-definido. Se p-valor for < 5% rejeita a hipótese nula (TRIOLA, 2008).

Diante dos cálculos realizados, tiveram-se como resultados para os questionários ERI aplicados, os percentuais abaixo descritos na tabela 3.

Tabela 3 – Resultado do Questionário Esforço – Recompensa e Supercomprometimento (ERI)

N° de docentes	Esforço e Recompensa no Trabalho	
	Risco	Equilíbrio
310 docentes	22,5% 70 docentes	77,5% 240 docentes
N° de docentes	Supercomprometimento no Trabalho	
	Risco	Equilíbrio
310 docentes	24.4% 91 docentes	70,6% 219 docentes

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

A Tabela 3 vem mostrar o quadro de estresse dos docentes da maneira como o mesmo se apresenta no município de Imperatriz nos quesitos esforço e recompensa e Supercomprometimento no Trabalho. Levando em consideração os percentuais apresentados, constata-se que a prevalência para o risco de um quadro de estresse no trabalho, evidencia-se baixo frente à população pesquisada.

Os docentes do município de Imperatriz, segundo os dados da pesquisa, apresentam no desenvolvimento das suas funções uma prevalência no equilíbrio, no que se refere ao estresse no trabalho, deixando claro que, as condições possibilitadas para o desenvolvimento do fazer docente, bem como, as condições oferecidas compreendidas como ambiente estrutural das escolas, se evidenciam como favoráveis, não ocasionando grandes situações de incômodo ao ponto de

desencadear um quadro de estresse no docente que o compõe.

Esse panorama da saúde do trabalhador docente do município de Imperatriz vem confirmar que as escolas atualmente, mostram-se equilibradas no que se refere a se ter um quadro de estresse docente, mesmo diante de todas as transformações sugeridas pelo próprio movimento social, como discute Lipp (2004), Tardif e Lessard (2014).

Tabela 3 - Resultado do teste Qui-Quadrado – Esforço e Recompensa X Sociodemográfico

VARIÁVEIS	P-VALOR	
Gênero	0,418	
Idade	0,038	Há associação
Horas Trabalhadas	0,019	Há associação
Título Acadêmico	0,523	
Tempo de Serviço	0,837	
Tratamento Psiquiátrico	0,014	Há associação
Tratamento Psicológico	0,067	Há associação
Pós-Graduação	0,559	
Área de Atuação	0,029	Há associação
Estado Civil	0,743	
Regime de Trabalho	0,261	
Categoria Funcional	0,026	Há associação

Fonte: Dados da Pesquisa Imperatriz, 2015.

Diante do cruzamento dos dados dos questionários coletados, a Tabela 3 revela há uma associação do Esforço e Recompensa no Trabalho *versus* sociodemográfico com as variáveis: idade (0,038); horas trabalhadas (0,019); tratamento psiquiátrico (0,014); tratamento psicológico (0,067); área de atuação (0,029); categoria funcional (0,026) e área de atuação, ficando assim nula a hipótese de rejeição dessas variáveis, convergindo para um quadro de hipótese quanto ao estresse dos docentes pesquisados no ambiente ocupacional.

Tardif e Lesard (2014) ressaltam que as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade são resultantes das inter-relações entre setores de desenvolvimento, políticas e atividades a serem desempenhadas na escola, justificando as hipóteses que não se mostraram nulas, entendidas como indícios de cuidados junto aos docentes. Lipp (2002) também vê as mudanças como quebra de equilíbrio (homeostase) do docente.

A associação entre Esforço e Recompensa no Trabalho/ idade, e esforço e recompensa / horas trabalhadas, condições psiquiátricas e psicológicas em um

grupo de docente predominantemente feminino, com idade que já exige posturas e cuidados mais elevados no que se refere as situações físicas e que ainda se encontram em pleno exercício da profissão, traz a tona a necessidade de um programa liderado principalmente pelo gestor da instituição como uma medida de prevenção para que os indícios que foram identificados sejam reduzidos como medida preventiva, para que não haja maiores prejuízos.

Tabela 4: Aspectos que causam desconforto /incômodo em relação ao Esforço e Recompensa no Trabalho

Esforço e Recompensa no Trabalho	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq..	%
Pressão pela falta de tempo por causa do excesso de trabalho	129	41,6	181	58,4
Excesso de interrupção e perturbação no trabalho	105	33,8	205	66,1
Excesso de responsabilidade no trabalho	107	34,6	203	77,4
Solicitação para fazer horas extras	78	25,2	232	74,9
Trabalho fisicamente exigente	129	41,6	181	58,3
Aumento da exigência no trabalho nos últimos anos	159	51,3	151	48,7
Recebo dos meus superiores o apoio que mereço	149	48	161	51,9
Recebo dos meus colegas o apoio que mereço	122	39,4	188	60,6
Recebo apoio nas situações difíceis	178	57,5	132	42,6
Tratamento justo no trabalho	256	82,6	54	17,4
Possibilidade de ser promovido(a) é fraca	84	27,1	226	72,9
Mudança indesejável na situação do trabalho	241	84,7	69	22,6
Segurança em manter o emprego	64	20,7	246	79,3
Posição ocupacional atual reflete adequadamente o nível educacional e treinamento	164	52,8	146	47,1
Recebo o respeito e prestígio no trabalho	170	54,8	140	45,2
Perspectiva de promoção adequada	168	54,2	142	45,8
Considero o salário / rendimento adequado	268	86,5	42	13,5

Fonte: Dados da Pesquisa - 2015

*Sim – Incomoda-me um pouco / Incomoda-me bastante / Incomoda-me muito

* Não – Não me incomoda

* Não Concordo – Variável que entra em qualquer um dos resultados

A Tabela 4 evidencia os dados coletados com os docentes no que se refere ao Esforço e Recompensa no Trabalho: 129 (41,6%) indicam pressão pela falta de tempo por causa do excesso de trabalho; 105 (33,8%) apontam o excesso de interrupções e perturbações; 107 (34,6%) citam o excesso de responsabilidade no trabalho; 78 (25,2%) indicam a solicitação de horas extras; 129 (41,6%) apontam que o trabalho é fisicamente exigente; 159 (51,3) citam o aumento de exigências no trabalho nos últimos anos. Frente à significância da variável, o aumento de exigências no trabalho nos últimos anos como percentual de maior incômodo justifica-se pelas transformações vividas pela sociedade, discutidas por Tardiff e Lessard (2014) Libâneo (2010), Lipp (2002).

Tabela 5: Risco e Equilíbrio do Esforço e Recompensa em Docentes

Docentes	Prevalência de Risco	Prevalência do equilíbrio
310	22,5% 70 docentes	77,5% 240 docentes

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

A Tabela 5 vem mostrar o número de docentes que entram nas categorias “risco e equilíbrio” do estresse ocupacional para a demanda Esforço e Recompensa no Trabalho. Dos 310 docentes que participaram da pesquisa 70 deles (22,5%) entram no grupo que se direciona a um esforço em demasia em relação ao trabalho, considerando esse, o grupo para o risco de adquirir um quadro de estresse em decorrência do trabalho que desenvolve.

Entre os docentes, 240 (77,5%) ficam fora da variável risco para o Esforço e Recompensa no Trabalho, considerando esse grupo como um conjunto de profissionais que apresentam maior equilíbrio quanto ao exercício da docência, minimizando a hipótese de apresentar um quadro de estresse ocupacional advindo do ambiente de trabalho – a escola – e com isso que venha trazer danos à saúde.

Os docentes dessa modalidade, segundo os resultados obtidos, 22 docentes (7,9%) apresentam risco, advindo do fato de não serem recompensados quanto ao trabalho que desenvolve e 288 (92,1%) docentes consideram-se recompensados nos aspectos oferecidos pelas instituições educacionais.

Os resultados obtidos, quanto à recompensa, assemelha-se aos obtidos por Inocente (2005), entendendo que a profissão docente é percebida como recompensadora por motivos variados.

O processo de recompensa do docente vem sendo retratado principalmente pelas mudanças que já vêm ocorrendo no ambiente educacional do ensino fundamental, como ressaltam Machado, Ribeiro e Brito (2011) e as próprias exigências advindas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 no que se refere à formação continuada e as redes de apoio que se formaram nas escolas fortaleceram um processo de qualidade tanto para a escola quanto para o docente.

Sen (2010) relata que a liberdade do desenvolvimento local é uma somatória da liberdade individual mais a liberdade social, resultando no desenvolvimento. Assim,

para se chegar a essa liberdade individual (aluno) faz-se necessário dar atenção especial à base (educação básica) onde se inicia esse processo, entendendo que é o movimento para se alcançar um desenvolvimento local estruturado, crítico, com perspectiva de sustentabilidade. Reforça ainda que essa tomada de decisão quando discute a necessidade de compreender o desenvolvimento de uma região como um procedimento apoiado socialmente.

4.5 Associação entre cruzamento entre Supercomprometimento X Variáveis Sociodemográficas

Tabela 6: Supercomprometimento X Sociodemográfico

VARIÁVEIS	P-VALOR	
Tratamento Psicológico	0,252	
Tratamento Psiquiátrico	0,235	
Idade	0,598	
Gênero	0,221	
Estado Civil	0,423	
Nº de horas trabalhadas	0,015	Há associação entre o número de horas trabalhadas e supercomprometimento no trabalho.
Título Acadêmico	0,372	
Pós- Graduação	0,564	
Categoria Funcional	0,058	Há associação entre categoria funcional e supercomprometimento.
Área de atuação	0,454	
Tempo de Serviço	0,415	
Regime de Trabalho	0,312	

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

No que se refere Supercomprometimento no Trabalho e sociodemográficos apresentadas na Tabela 6, foi possível constatar que existem associações entre duas variáveis: número de horas trabalhadas e categoria funcional.

Nesse sentido concorda-se com Lipp (2010) quando atribui ao tempo, ao qual se passa exposto, vários estímulos que, em muitas situações, pelo seu contínuo acabam por se tornarem disparadores de estresse do trabalhador docente, tais como: sala lotada, ambiente sem estrutura, falta de material, desvalorização tanto financeira quanto social, convergindo com categoria funcional pelo próprio processo de classificação no serviço público.

Nesse caso, há que se esperar por determinados momentos para se mudar de categoria funcional, muitas vezes permanecendo longos anos em um setor que o docente não se identifica, mas que não tem condições de deixar / abandonar.

Tardif e Lessard (2014) colocam que a falta de valorização e as precárias

condições de trabalho, fazem com que os docentes sempre estejam buscando condições de mudanças de categoria funcional, como forma de maior estabilidade tanto financeira quanto social.

Tabela 7: Supercomprometimento no Trabalho

Supercomprometimento	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq..	%
Fico facilmente sobrecarregada pelas pressões do tempo no meu trabalho.	155	50	155	50
Assim que me levanto de manhã, começo logo a pensar nos problemas do meu trabalho.	133	40,7	184	59,3
Quando chego em casa consigo relaxar facilmente e desligar-me do meu trabalho.	129	41,6	181	58,4
Pessoas mais chegadas a mim dizem que eu me sacrifico em demasiado pelo meu trabalho.	166	53,6	144	46,5
O trabalho raramente me liberta; ele fica na minha cabeça até quando me deito para dormir.	156	50,3	154	49,7
Se tiver que adiar algo que era para ser feito hoje, terei dificuldades para adormecer à noite.	139	44,9	171	55,2

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

*Não – Discordo Muito / Discordo

* Sim – Concordo Muito / Concordo

Os dados trazidos pela Tabela 7 evidenciam que, quanto ao Supercomprometimento no Trabalho constatou-se : sobrecarga (50%); o fato de não conseguir desligar-se do trabalho (58%); o fato de sacrificar-se demais (53%) e não desligar-se do trabalho (50,3%).

Os dados apontam que há dificuldade de retirar-se do trabalho, como afirma Inocente (2005), que discute essa condição psicológica que apresenta efeitos adversos à saúde, podendo ocasionar o estresse advindo desse supercomprometimento. Essa condição passar a interferir no plano social e psicológico do docente, resultando na perda da qualidade desse trabalhador.

Tabela 8: Caracterização do Supercomprometimento X Risco e Equilíbrio

Docentes	Prevalência de Risco	Prevalência de Equilíbrio
310	23,4 % 91 docentes	70,6 % 219 docentes

Fonte: Dados da Pesquisa 2015

No que se refere ao Supercomprometimento no Trabalho, os dados da pesquisa apresentados na Tabela 8, mostram que há uma porcentagem significativa

de docentes (70,6%) que não apresentam risco por sentirem-se recompensados no trabalho.

Tardiff (2014) e Moreira (2013) discutem as exigências feitas ao docente quanto ao seu trabalho, enfatizando a carga mental exigida pelas mudanças sociais no mercado de trabalho.

Essas mudanças exigem do profissional uma multidisciplinaridade que ele se prepara todos os dias para tê-la, bem como os diversos saberes que hoje são necessários para de fato se poder afirmar a qualidade da educação.

Em relação a essas exigências Lipp (2010) refere-se como um problema do mundo moderno, que de maneira significativa também traz entraves para situações de resolutividade da vida pessoal do indivíduo, requerendo dele vários movimentos de quebra desse modelo de pensamento.

Tardiff e Lessard (2014) discutem quanto às tensões muitas vezes imperceptíveis para o próprio trabalhador, que entende essas tensões como algo de natureza comum no ambiente de trabalho. Para os autores, essas tensões trazem em si uma exagerada carga mental a ser administrada pelo docente.

Quando comparado o presente estudo com a pesquisa de Inocente (2005), a autora traz um quadro de equilíbrio no Supercomprometimento no Trabalho de 89,4% e 10,6% de risco. No entanto, os docentes da educação básica são sujeitos muito mais propícios a desenvolverem quadros de estresse exatamente pela constante preocupação e permanência de situações que geram uma excessiva tensão (TARDIFF, 2014).

4.6 Associação e cruzamento de dados entre estratégias de enfrentamento no trabalho e variáveis sociodemográficas

O enfrentamento caracteriza-se como um conjunto de estratégias que o indivíduo desenvolve para combater situações estressoras, para melhor lidar com elas no que se refere ao ambiente de trabalho. As estratégias de enfrentamento são atitudes tomadas pelo indivíduo que dizem respeito à regulação da emoção no momento em que surge uma situação atípica, seja com o sujeito, seja no trabalho que esse sujeito desenvolve.

Com base no modelo de Pinheiro, Tróccoli e Tamayo (2003) foi possível

separar as três estratégias que compõem o questionário baseado no modelo de compreensão de Latack (1986), que nomeou **controle** as situações em que são feitas reavaliações cognitivas, **esquiva** para situações escapistas e **manejo** para as situações de estresses que tentam ser resolvidas com ações compreendidas como de relaxamento.

Nesse sentido, os dados da pesquisa seguem a mesma lógica dos questionários propostos por Latack (1986) por necessitar identificar quais estratégias de enfrentamento são utilizadas pelos docentes da rede pública municipal de Imperatriz que se submeteram à pesquisa, como a forma mais utilizada de enfrentamento das tensões do dia a dia no contexto do trabalho escolar.

Os dados foram calculados de maneira separada para dar a clareza necessária a essa panorâmica, entendendo-a como mais um recurso no que se refere às possíveis intervenções configuradas como políticas internas da gestão, havendo assim maior atenção a essa condição do trabalhador docente.

Tabela 9: Associação: Enfrentamento - Controle X Sociodemográfico

Controle		
Variáveis	P-Valor	Conclusão
Tratamento Psicológico	0,677	Não há associação entre tratamento psicológico e a forma de enfrentamento.
Tratamento Psiquiátrico	0,528	Não há associação entre tratamento psiquiátrico e a forma de enfrentamento
Idade	0,022	Há associação entre idade e a forma de enfrentamento.
Gênero	0,538	Não há associação entre gênero e a forma de enfrentamento.
Estado Civil	0,514	Não há associação entre estado civil e a forma de enfrentamento
Nº de horas trabalhadas	0,182	Não há associação entre número de horas trabalhadas e a forma de enfrentamento
Título acadêmico	0,306	Não há associação entre título acadêmico e a forma de enfrentamento
Pós- Graduação	0,429	Não há associação entre e pós-graduação e a forma de enfrentamento
Categoria Funcional	0,045	Há associação entre categoria funcional e a forma de enfrentamento
Área de atuação	0,437	Não há associação entre área de atuação e a forma de enfrentamento
Tempo de Serviço	0,348	Não há associação entre tempo de serviço e a forma de enfrentamento
Regime de Trabalho	0,171	Não há associação entre regime de trabalho e a forma de enfrentamento

Fonte: Dados da Pesquisa - Imperatriz, 2015.

Diante dos dados da pesquisa, evidenciados na Tabela 9, percebe-se que a estratégia de enfrentamento **controle**, quando correlacionada ao dado

sociodemográfico idade, evidencia que existe uma associação (0,022).

A estratégia de enfrentamento e controle associada à idade aponta um forte indicativo que a vivência do docente influencia diretamente na maneira como ele vai reagir frente a situações que causam tensão no ambiente de trabalho.

No que se refere à associação entre controle e categoria funcional, esta por sua vez também apresenta o seu grau de significância (0,045). Entende-se que o sujeito que já possui sua categoria funcional mais definida, agindo com muito mais tranquilidade nesse contexto, diminui o nível de instabilidade existente na relação sujeito, trabalho e contexto escolar.

Entendido como um processo reativo a situações diferenciadas do dia a dia, para Folkman e Lazarus (1986) as formas de enfrentamento são mutáveis, pois à medida que o sujeito aprende a lidar com instabilidades típicas do contexto de trabalho no qual encontra-se inserido, e sente-se seguro no setor no qual está inserido, as formas de reação passam a ser mais controladas, indo de um para outro nível de enfrentamento.

Tabela 10: Associação: Enfrentamento Esquiva - X Sociodemográfico

Variáveis	P-Valor	Conclusão
Tratamento Psiquiátrico	0,475	Não há associação entre tratamento psiquiátrico e o enfrentamento baseado na esquiva.
Idade	0,202	Não há associação entre idade e o enfrentamento baseado na esquiva.
Gênero	0,665	Não há associação gênero e o enfrentamento baseado na esquiva.
Estado Civil	0,334	Não há associação entre estado civil e o enfrentamento baseado na esquiva.
Número de horas trabalhadas	0,500	Não há associação entre número de horas trabalhadas e o enfrentamento baseado na esquiva.
Título Acadêmico	0,550	Não há associação entre título acadêmico e o enfrentamento baseado na esquiva.
Pós-Graduação	0,519	Não há associação entre pós-graduação e o enfrentamento baseado na esquiva.
Categoria Funcional	0,468	Não há associação entre categoria funcional e o enfrentamento baseado na esquiva.
Área de Atuação	0,456	Não há associação entre área de atuação e o enfrentamento baseado na esquiva. Continua
Tempo de Serviço	0,370	Não há associação entre tempo de serviço e o enfrentamento baseado na esquiva.
Regime de Trabalho	0,029	Há associação entre regime de trabalho e o enfrentamento baseado na esquiva.

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

Os dados evidenciados na Tabela 10 mostram que houve associação apenas entre o dado demográfico regime de trabalho e a estratégia esquiva. Vale ressaltar

que alguns docentes podem se reconhecer como sujeitos que atuam utilizando esse modelo de enfrentamento, no entanto, os números que se mostraram mais significativos a ponto de estabelecerem associações sólidas indicam apenas a variável regime de trabalho.

Antoniazzi, Dell`Aglia e Bandeira (1998) abordam os sofrimentos adaptativos que podem ocorrer no processo de busca de ferramentas internas de enfrentamento. Nas pesquisas realizadas por Inocente (2005), referentes ao enfrentamento, a autora afirma que esse modelo de recurso interno ocorre principalmente pelo apoio dado pelos superiores. Assim, a gestão dentro do contexto escolar pode trazer significativas intervenções de natureza positiva para o grupo de docentes que se encontram no contexto.

Quanto à esquia, Fontes, Nery e Yassuda (2010) destacam a capacidade de o sujeito transferir a resolução do problema desviando o confronto para situações mais voltadas para a fuga da situação estressora ou a tentativa de ignorá-la.

Frente a essa afirmação percebe-se que há sim uma relação direta com essa variável e a esquia, por ser uma forma até mesmo de minimizar as situações do dia a dia e que acaba sendo usada pelo docente de maneira inconsciente, deixando que as situações se organizem sem muita interferência direta do profissional.

Tabela 11: Associação Enfrentamento Manejo X Sociodemográficos

Variáveis	P-Valor	Conclusão
Tratamento Psicológico	0,419	Não houve associação entre tratamento psicológico e manejo.
Tratamento Psiquiátrico	0,450	Não houve associação entre tratamento psiquiátrico e manejo.
Idade	0,353	Não houve associação entre idade e manejo.
Gênero	0,538	Não houve associação entre gênero e manejo.
Estado Civil	0,427	Não houve associação entre estado civil e manejo.
Número de horas trabalhadas	0,617	Não houve associação entre número de horas trabalhadas e manejo.
Título acadêmico	0,523	Não houve associação entre título acadêmico e manejo.
Pós-Graduação	0,446	Não houve associação entre pós- graduação e manejo.
Categoria Funcional	0,404	Não houve associação entre categoria funcional e manejo.
Área de Atuação	0,477	Não houve associação entre área de atuação e manejo.
Tempo de Serviço	0,482	Não houve associação entre tempo de serviço e manejo.
Regime de Trabalho	0,303	Não houve associação entre regime de trabalho e manejo.

Fonte: Dados da Pesquisa – Imperatriz 2015.

A estratégia de manejo do estresse (sintomas) entende que o sujeito passa a utilizar-se intencionalmente desse modelo de ação como o dispositivo mais eficaz para a diminuição das tensões geradas no dia a dia do trabalho, principalmente nos

momentos em que surgem problemas que precisam ser resolvidos e que se mostram imediatos ou surpreendentes (FONTES; NERY; YASSUDA (2010)

Esse modelo de estratégia implica diretamente em praticar ações voltadas para si mesmo, entendidas por Latack (1986) como um procedimento considerado uma quebra de situações de estresse quando impactam o organismo.

Por muitas vezes no ambiente de trabalho não se compreende a minimização do estresse por esse viés. O manejo do estresse, trabalhado a partir de práticas que beneficiam o corpo ou que causam mudanças de hábito, traduzem-se como de grande eficácia para o organismo (URURAHY; ALBERT, 2005).

As estratégias de manejo vêm para restabelecer o equilíbrio, minimizando os atritos contínuos das situações estressoras do dia a dia do docente e, conseqüentemente, ampliando a capacidade em lidar com os confrontos vividos no contexto do trabalho.

A Tabela 11 traz o resultado do cálculo do teste de Qui-Quadrado para o cruzamento da variável manejo com os dados sociodemográficos, demonstrando que não há nenhuma associação com nenhuma das variáveis sociodemográficas.

Quanto à estratégia manejo, os estudos baseados em Latack (1986) relatam que o sujeito passa a manejar seus comportamentos como uma forma de reação voltada principalmente para o bem estar do sujeito que vive a situação estressora. A reação implica numa tomada de decisão diferente sobre si mesmo, desconsiderando o elemento estressor que tenha ocorrido.

A Tabela 11 evidencia a ausência de associação entre manejo e sociodemográfico, o que mostra que os docentes não tomam atitudes para combater o estresse diário. Os docentes até utilizam estratégias que também são encontradas na escala de manejo no percurso da vida, no entanto isso não se traduz como uma estratégia estabelecida pelo profissional como parte regular do seu dia profissional e pessoal e como forma de minimizar ou sanar níveis de estresse gerado durante o trabalho. Os elementos que compõem o questionário de manejo não são entendidos como uma condição de ampliar a qualidade no trabalho e sim a redução do estresse.

A Tabela 12, a seguir mostra a frequência e o percentual de docentes do município de Imperatriz que se utilizam das estratégias que constam no questionário de enfrentamento.

Tabela 13: Enfrentamento no Trabalho

Controle	Sim		Às Vezes		Não	
	Freq..	%	Freq..	%	Freq.	%
Converso com colegas com o mesmo problema	126	40,6	111	35,8	73	23,5
Tento ver a situação como uma forma de aprender mais.	169	54,5	89	28,7	52	16,8
Dou atenção extra ao planejamento.	199	64,2	63	20,3	48	15,5
Penso em mim como alguém que sempre consegue se sair bem nessas situações.	58	18,7	94	30,3	81	26,2
Penso na situação como um desafio.	174	56,1	90	29,0	46	14,9
Tento trabalhar mais rápido e eficiente.	182	58,8	86	27,7	42	13,6
Decido sobre o que deveria ser feito e comunico aos demais envolvidos.	168	53,7	75	24,2	67	21,6
Me esforço para fazer o que esperam de mim.	216	69,7	58	18,7	36	11,6
Peço conselhos a pessoa que embora esteja fora da situação possa me ajudar a pensar sobre o que fazer.	161	51,9	88	28,4	61	19,7
Tento modificar os fatores que causaram a situação.	144	46,4	106	34,2	60	19,3
Me envolvo mais ainda nas minhas tarefas se acho que isso pode ajudar a resolver o problema.	204	65,8	65	21,0	41	13,2
Esquiva	Sim		Às Vezes		Não	
	Freq..	%	Freq..	%	Freq.	%
Evito a situação se possível.	116	37,4	98	31,6	96	31,0
Digo a mim mesmo que o tempo resolve o problema dessa natureza.	69	22,2	103	33,2	138	44,5
Tento manter distância da situação.	50	16,1	94	30,3	166	53,5
Procuo lembrar que o trabalho não é tudo na vida.	78	25,1	100	32,3	132	69,5
Antecipo as consequências negativas preparando-me para o pior.	49	15,8	75	24,2	186	60,0
Delego minhas tarefas para outra pessoa.	24	7,8	32	10,3	254	81,9
Mantenho a maior distância possível das pessoas que causaram a situação.	55	17,7	100	32,3	155	50,0
Tento não me preocupar com a situação.	64	20,7	103	33,2	143	46,1
Concentro-me em fazer prioritariamente aquilo que eu gosto.	152	49,0	80	25,8	78	25,2
Manejo	Sim		Às Vezes		Não	
	Freq..	%	Freq..	%	Freq.	%
Pratico mais exercícios físicos.	76	24,5	68	21,9	166	53,6
Uso algum tipo de técnica de relaxamento.	101	32,5	68	21,9	182	58,7
Procuo a companhia de outras pessoas.	148	47,7	89	28,7	73	23,6
Mudo meus hábitos alimentares.	97	31,3	101	32,6	132	36,2
Procuo me envolver mais em atividades de lazer.	118	38,1	90	29,0	102	32,9
Compro alguma coisa.	104	33,6	94	30,3	112	36,1
Tiro alguns dias para descansar.	67	81,6	88	28,4	155	33,6
Faço uma viagem.	53	17,1	69	22,3	188	60,6
Me torno mais sonhador.	135	43,5	69	22,3	106	34,2

*NÃO = Nunca faço isso / Raramente faço isso

*ÀS VEZES = Às vezes faço isso

*SIM= Frequentemente faço isso /Sempre faço isso

Dados da Pesquisa – Imperatriz, 2015.

A Tabela 14, a seguir, traz a identificação da estratégia de enfrentamento no trabalho dos docentes de Imperatriz (MA).

Tabela 14: Identificação da Estratégia de Enfrentamento no Trabalho dos docentes do município de Imperatriz

	Controle	Esquiva	Manejo
Nº de docentes	253	72	176
Percentual	81,6%	23,2%	45,5%

Fonte: Dados da pesquisa - Imperatriz, 2015.

Diante dos resultados coletados é possível identificar que 253 docentes (81,6%) dos docentes do município de Imperatriz utilizam-se da estratégia **controle** como o procedimento mais comum de enfrentamento no trabalho.

Os estudos de Fontes, Nery e Yassuda (2010) apontam que esse modelo de estratégia – o controle - tende a deixar o espaço de trabalho mais sensível, por entender que se trata de uma estratégia em que a resolução do conflito se dá frente a frente, confrontando o problema.

Nesse sentido, a pesquisa junto aos docentes das escolas públicas do município de Imperatriz, vem mostrar que essa estratégia – o controle - é predominantemente mais utilizada tornando-se mais elevada que as demais e compreendendo que, todos os dias há situações sensíveis a serem resolucioneadas no contexto educacional. Essa condição de trabalho caracteriza-se como digna de cuidados pela própria forma de resolução dos problemas enfrentados (LIPP, 2000).

No manejo os dados da pesquisa trazem resultados com percentual médio. Vários docentes relataram o ato de executar ações que se encontravam inseridas no questionário, no entanto as referidas ações não se traduziam como estratégias regulares para o enfrentamento do estresse no dia a dia segundo os testes estatísticos aplicados. As ações executadas foram marcadas apenas como processos que podem ocorrer ou não na vida de cada um dos docentes pesquisados.

Em relação à estratégia do **manejo** como enfrentamento do estresse no trabalho (45,5%), Ururahy; Albert (2005) o considera de grande eficiência. Segundo o autor, o estresse é uma quebra do equilíbrio, atingindo principalmente o lado emocional do indivíduo e por essa razão chega a estágios tão complexos. Quando se decide por realizar ações voltadas para o bem-estar do próprio corpo como válvulas de escape do processo estressor, esse fazer configura-se como uma das estratégias mais eficientes para o indivíduo segundo os autores, evitando a evolução desse processo.

Em relação à estratégia de enfrentamento no trabalho **esquiva** (23,2%), os

dados trazem percentuais bem baixos, revelando-a como uma das estratégias menos utilizadas no contexto educacional das escolas pesquisadas. Segundo Lipp (2010) trata-se de um modelo de estratégia frágil, que ao longo do processo de vida se mostra instável e que precisa ser reorganizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por condições de trabalho entende-se a maneira como uma instituição é liderada principalmente pelo gestor: a forma como ele se apresenta e o suporte dado aos docentes e aos demais envolvidos. Entendeu-se a escola como um espaço plural onde se estabelecem várias relações profissionais, afetivas e de desafios entre outras. É um espaço que também gera desgastes e, conseqüentemente, o estresse.

Por meio da revisão teórica o tema referente ao estresse no docente, foi sendo discutido a partir de estudos, pesquisas e análises, tanto a nível de Brasil, quanto fora dele. Nesse sentido, foi necessário considerar fatores demonstrados pelos canais científicos de que se trata de um problema que, em muitos casos necessita de intervenção, para que possa nascer daí a melhoria na qualidade do trabalho dos profissionais docentes, seja em nível local ou nacional.

Na pesquisa referente ao nível de estresse dos docentes das escolas públicas pesquisadas, no município de Imperatriz, constatou-se que há predominância de profissionais do gênero feminino; de 31 a 40 horas trabalhadas semanalmente; estado civil casados; número de anos de docência há mais de 21 anos; regime de trabalho em turno completo;

No que se refere a esforço recompensa e supercomprometimento no trabalho existem muitas associações. Os itens idade, horas trabalhadas, tratamentos psicológico e psiquiátrico, área de atuação e categoria funcional mostram que esses elementos podem ser traduzidos como áreas frágeis. Quanto ao esforço recompensa no trabalho, entre os docentes da rede pública dos 310 docentes que participaram da pesquisa 22,5% apresentam uma prevalência de risco de estresse ocupacional e 77,5% apresentam prevalência de equilíbrio dentro do contexto das escolas pesquisadas.

No que se refere ao supercomprometimento do trabalho pode-se constatar que dos 310 docentes, 23,4%, apresentam a prevalência para risco, enquanto que 76,6% apresentam prevalência para equilíbrio no trabalho. Quanto aos dados da pesquisa relacionados à estratégia de enfrentamento no trabalho constatou-se que 81,6% dos docentes se valem da estratégia de controle da resolução focada no problema, o que equivale a 253 docentes da amostra pesquisada.

Entendeu-se que no espaço escolar, no caso a escola pública do ensino

fundamental do município de Imperatriz, traduzindo-se como a estratégia de enfrentamento ao estresse, que se projetou nas respostas, recrutadas pelos instrumentos de coleta de dados aplicados. As mesmas apresentaram-se, tanto na escala de ordem emocional, quanto estratégias de enfrentamento focadas no problema.

Foi notória a importância de se investigar o estresse ocupacional do docente da escola pública do município de Imperatriz, verificando como estão as condições desse trabalhador e contribuindo para ações futuras principalmente do gestor institucional. Conclui-se com os resultados obtidos que as condições de trabalho não estão favoráveis aos docentes, necessitando de ações preventivas e mudanças organizacionais

REFERÊNCIAS

American Psychiatry Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5**. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

ANDRIETTA, I. M. MIGUEL, P. A. C. Aplicação do programa Seis Sigma no Brasil: resultados de um levantamento tipo Survey exploratório descritivo e perspectivas para pesquisas futuras. **Gestão Prod.** São Carlos v 14 n° 2, maio / agosto, 2007

ANTONIAZZI, A. S. DELL`AGLIO, D. D. BANDEIRA, D.R. O Conceito de Copping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, 1998

BACHION, M. M. [et. all]. Vulnerabilidade ao Estresse Entre Professores de Uma Universidade Pública. **Enferm UERJ**, (13) 32-37, 2005.

BAUER, M. E. Como ele abala as defesas do organismo? **Ciência Hoje**. V 30, n 179, 2002.

BOISIER S. ¿Hay espacio para el desarrollo local en la globalización? **REVISTA DE LA CEPAL** 86 • agosto 2005

BRASIL. Presidência da República. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil, 1988**. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/legislacao/constituicao>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2015.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n° 9394/96**. Brasília, 1996.

CAMPOS, M. M. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. **Educação e Sociedade**, Ano XX, V 20 n° 69 P 61-69. Campinas, SP 1999.

CANOVA, K., R.; PORTO, J. B. O impacto dos valores organizacionais no estresse ocupacional: um estudo com professores do ensino médio. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 5, set./out. 2010.

CLIMACO, A. C. de A. [ET AL] Educação básica de qualidade Desafios e proposições para o novo PNE **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 4, n. 6, p. 109-121, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

CODO, W. **O trabalho enlouquece?** Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CORREA, T. H. B. O Cotidiano escolar como espaço-tempo de formação.

Educação Batatais, v 3 n 1. Junho 2013.

DINIZ, C. C. CROCCO, M. **Economia Regional e Urbana**: contribuições técnicas recentes. Belo Horizonte: Editora UGMG, 2006.

EDSON FILHO, A. S. Autoavaliação Psicossocial de Professores. **Ensaio: avaliação Política Pública e Educacional**. Rio de Janeiro, v. 13 n 49, 2005

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**. A sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC. 1999.

FERNANDES,G; INOCENTE, N,J. **estratégias para enfrentamento (coping): um levantamento bibliográfico. X EPG. Anais 2010**. Encontro Latino Americano de Pós-Graduação. Disponível em:
http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0570_0609_01.pdf. Acesso em 24/02/2016.

FERNANDES, M. H. ROCHA, V. M. SOUZA, D. B. A Concepção sobre Saúde Escolar entre Professores do Ensino Fundamental (1° ao 5° ano). **História Ciências e Saúde**. Rio de Janeiro, 2005.

FERRAZ, R. R. N. [et al] Avaliação do conhecimento de professores da escola pública sobre a síndrome de Burnout como elemento para a melhoria na gestão de pessoas. São Paulo **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa**. V11, nº 23, 2014.

FOLKMAN, S. LAZARUS, R.S. Dynamics of a stressful encounter: cognitive appraisal coping and encounter outcomes. **Journal of personality and social psychology**. 1986, v 50, n 05.

FONTES, A. P. NERI, A. L. YASSUDA, M. S. Enfrentamento de Estresse no Trabalho: relações entre idade, experiência, autoeficácia e agência. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, 2010, 30 (3), 620-633.

FONSECA, M. Políticas Públicas para a Qualidade da Educação Brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. **Cad. CEDES** Campinas SP v. 29 n 78 p.153-177 maio/agosto 2009.

FRANKLIN, Adalberto. Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

GASPARINI, S. M. BARRETO, S. M. ASSUNÇÃO, A. A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(12):2679-2691, dez, 2006.

GIGLIO, C.M. B. **A violência escolar e o lugar de autoridade**. Autoridade e autonomia. Julio Groppa Aquino (Org.). São Paulo: Summus, 1999.

GOMES, R. M. S. PEREIRA, A. M. S. Estratégias de coping em educadores da infância. Revista trimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), V 12, N 2, jul. / dez, 2008.

GOULART JUNIOR, E. LIPP, M. E. N. Estresse entre professoras do Ensino Fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 847-857, out./dez. 2008.

GOMES, I.; BRITO, J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. **Estudos & Pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2006

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística - IBGE

www.ibge.gov.br/bancodedados/cid@des; (Acessado em 18/07/2014);

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) **Censo de Educação Escolar 2013: resumo técnico**. Brasília: O Instituto, 2014. 39 p.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDO DOS TRABALHADORES – IPET.

www.ipetsc.org.br <Acesso em 18/09/2015.>

INOCENTE, N. J. **Síndrome de Burnout em professores universitários do Vale do Paraíba** (SP). Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas. UNICAMP, 2005.

INOCENTE, N. J. **Estresse ocupacional: origem, conceitos, relações e aplicações nas organizações e no trabalho**. In: CHAMON, E. M. Q. O. (Org.) *Gestão e comportamento humano nas organizações*. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

KROETZ M. [Et Al] **Crescimento Econômico X Desenvolvimento: Aspectos Do Crescimento Econômico da Região do Rio Grande do Sul e o Reflexo nas Questões Sociais**. **Revista Caminhos, on-line**, Dossiê Gestão, Rio do Sul, v. 1, n. 1, pp. 25-45, out./dez. 2010.

Lakatos, E. M. Marconi, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica** 6. ed. - São Paulo : Atlas 2008.

LATAACK, J.C. (1986). Coping with job stress: measures and future directions for scale development. **Journal of Applied Psychology**, 71(3), pp. 377-385.

LAURINDO, G.S. **Stress**. 2013. Disponível em:<<http://www.portaldaeducação.com.br/artigo/imprimir/50580>>. Acesso em: 18/08/2014

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2010.

LIPP, M. **O stress do professor**. Campinas, SP: Papirus 2002.

LIPP, M. N. **Como enfrentar o stress**. São Paulo: Campinas: Unicamp, 1986.

LIPP, M. E. N. **Mecanismos Neuropsicofisiológicos do Estresse: teorias e implicações clínicas**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

LUSTOSA, F. Instituições, Cultura e Desenvolvimento Sustentável na Bacia Cultural do Araripe. **Cadernos EBAPE, BR**. V. 8 n1 artigo 9. Rio de Janeiro, mar 2010.

MACHADO, M. F. E. RIBEIRO, O. L. C. BRITO, R. O. Gestão Escolar E Pensamento Complexo: Um Referencial Inovador Para O Sucesso Da Educação. **Revista Plures Humanidade**. Ribeirão Preto, ano 12, n 15 p. 51 – 66, jan/jun, 2011.

MARRAS, J. P. **Estresse Ocupacional**. Rio de Janeiro: Elsever, 2012

MARIANO, M. do S. S. MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso de professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Ano 6 n 1 Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, C. G. FERREIRA, M. L. R. O survey como um tipo de pesquisa aplicado na descrição do conhecimento do processo de gerenciamento em projetos de segmentos da construção. **VII Congresso Nacional de excelência em Gestão**. Rio de Janeiro: agosto de 2011.

MAROTTI, J. Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. **Revista de Odontologia da Universidade**. São Paulo, 2008. Maio – agosto 20 (2): 186 – 194.

MARTINS, M. das G. T. Sintomas de estresse em professores brasileiros. **Revista Lusófona de Educação**. 2007.

MOREIRA, V. M. A valorização do professor: desafio do reconhecimento. **Centro Científico Conhecer**. Goiânia, v. 9, nº 16, 2013.

MULS, L. M. Desenvolvimento Local, Espaço e Território: O Conceito de Capital Social e a Importância da Formação de Redes entre Organismos e Instituições Locais. **Revista Economia**, Brasília (DF), v.9, n.1, p.1–21, jan/abr 2008.

MURTA, S. G. TRÓCCOLLI, B.T. Avaliação de Intervenção do Estresse Ocupacional. **Psicologia** Jan-Abr 2004, Vol. 20 n. 1, pp. 039-047

NOBREGA S. M. S. A. LOPES, M. P. Estratégias de *coping* em pessoas com necessidades especiais: estudo exploratório acerca da inclusão no mundo do trabalho. Dissertação de Mestrado em Políticas de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Lisboa, 2014.

OLIVEIRA, T. M. V. Amostragem não probabilística: adequação de situações para o uso e limitação de amostras por conveniência, julgamentos e cotas. **Revista Adm on line** 2001. Jul – ago – set. 2(30).

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – **OIT**. www.oit.org.br. Acesso em 10/09/2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.

PAULA, A. C. R. R. NAVES, M. L. P. de O estresse e o bem- estar docente. Biblioteca Técnica SENAC. **Revista Educ. Prof.** Rio de Janeiro, v 36, n 1 jan / abr, 2010.

PASCHOAL, T. TAMAYO, A. Validação na Escala de Estresse no Trabalho. **Estudos de Psicologia**. Campinas SP 2004. 9(1), 45-52 45

PIMENTA, S. G. [et al] a Construção da didática no GT didática – análises e seus referenciais. **Revista Brasileira de Educação**. V 18, n 59. Jan – març, 2013.

PINHEIRO, F. A.; TRÓCCOLI, B. T.; TAMAYO, M. R. Mensuração de Coping no Ambiente Ocupacional. **Psicologia**. v.19, n. 2, p. 153-158, 2003.

PITTA, A. **Hospital, dor e morte como ofício**. São Paulo: Hucitec, 1994.

POZO, J.I. **Aprendizes e mestres**: uma nova cultura de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - PME

http://www.imperatriz.ma.gov.br/semmed/doc/plano_municipal_de_educacao_2014_2023.pdf < acesso em 10/09/2015)

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD
[www. Pnud.org.br](http://www.Pnud.org.br) <acesso em 10/10/2015>

RELATÓRIO DE METAS TODOS PELA EDUCAÇÃO. Disponível em
<www.todospelaeducacao.org.br//arquivos/biblioteca/de_olho_nas_metas_2012.pdf>

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ROCHA, V. M. da. FERNANDES, M. H. Qualidade de vida de professores do Ensino Fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2008.

SAVIANNI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 1997.

SAMPAIO, M. das M. F. MARIN, A. J. **Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares**. v. 25, n. 89, Educ. Soc., 2004.

SCHEIBE, L. Valorização e a formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional. Ver. Educ. Soc. Campinas v 31, n° 112, 2010.

SECRETARIA DO MUNICIPIO DE IMPERATRIZ (SEMED)
www.imperatriz.ma.gov.br <acesso em 15/08/2016>

SELYE, H. **Stress: a tensão da vida**. São Paulo: Cultural S.A, 1965.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEVERINO, S. RABELO, E. CAMPOS, R. P. Estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento entre profissionais de tecnologia e da informação. **Revista**

Instrucional de Psicologia. Jul – dez, 2013.

SILVA, E. P. da S. OLIVEIRA, E. A. de A. Q. ARAÚJO E. A. S. de **O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL: uma Revisão Teórica.** The 4th International Congress on University-Industry Cooperation – Taubate, SP – Brazil – December 5th through 7th, 2012.

SILVEIRA, K. A. ENUMO, S. R. F. BATISTA, E. P. Estresse e enfrentamento em professores: uma análise da literatura. **Educação em Revista.** V 30 n° 04. Belo Horizonte, 2014.

SIENDENBERG, D. R. Desenvolvimento e Ambiguidades: um conceito confuso. **Cadernos EBRAPE BR** v 4 n 4 dez 2006.

SOUSA FILHO. E. A. Auto avaliação Psicossocial de Professores. **Aval. Pub. Educação.** Rio de Janeiro. V 13, n° 40, out. 2005.

SOUSA, M. A. N; LEITE, M. P. de. Condições de Trabalho e suas Repercussões na saúde dos Professores da Educação Básica no Brasil. **Educ. Soc.,** Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, out.- dez. 2011.

SOUZA, A. R. O Professor da Educação Básica no Brasil: identidade e trabalho. **Educar em Revista.** Curitiba Brasil, n 48, p. 53 – 74, abril/ junho, 2013. Editora UFPR.

SPIEGEL, M.R. **Estatística.** McGraw-Hill do Brasil, São Paulo, 1999.

STACCIARINI, J. M. R.; TRÓCCOLI, B. T. **Estresse ocupacional.** In: FINATEC. Trabalho em transição, saúde e risco. Brasília, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O Trabalho Docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 14 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.

TARDIF, M. RAYMOND, D. Saberes tempo e aprendizagem no trabalho no magistério. **Educação e Sociedade.** Ano XXI, n° 73. 2000.

TRIOLA, M. F. Introdução a estatística. 10 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

URURAHY, G. ALBERT E. **O cérebro emocional:** as emoções e o estresse do cotidiano. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

VASCONCELOS, E. F. **Esforço e Recompensa no Trabalho de Profissionais da Enfermagem.** Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2005.

VEDOVATO, T. G. MONTEIRO, M. I. Perfil sociodemográficos e condições de saúde

e trabalho dos professores de nove escolas paulistas. Ver. Esc. Enfermagem. USP, São Paulo, 2008.

VEIGA, F. H. Os medos dos professores: elaboração de uma escala de avaliação dos medos profissionais dos professores. **Congresso de Psicologia**, 2005.

WEBBER, D. V. VERGANI, V. **A Profissão De Professor Na Sociedade De Risco e a Urgência Por Descanso, Dinheiro e Respeito No Meio Ambiente Laboral.** Encontro Nacional do CONPEDI. Fortaleza, junho de 2010.

WITTER, G. P. **Produção Científica e Estresse do Professor.** In: Lipp. O Estresse do Professor. Campinas: Papyrus, 2002.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - PERTICIPANTE

PESQUISA: O ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFRENTAMENTO NO TRABALHO: um estudo com docentes dos anos iniciais da rede pública do município de Imperatriz/MA

- 1. NATUREZA DA PESQUISA:** você é convidado a participar desta pesquisa, que tem com finalidade de verificar o nível de estresse ocupacional e as estratégias de enfrentamento no trabalho utilizadas pelos docentes do Ensino Fundamental das escolas públicas de Imperatriz.

- 2. PARTICIPANTES DA PESQUISA:** Professores do ensino fundamental primeira fase que já atuam há 2 anos na escola, de qualquer gênero e que trabalhe em um ou dois turnos de 4 a 8 horas de trabalho.

- 3. Envolvimento na pesquisa:** Ao participar do estudo você deverá responder aos questionários. É previsto um único contato com cada participante, que deve durar mais ou menos 20 minutos. Você tem a liberdade de se recusar a participar, sem qualquer prejuízo para você. Solicitamos sua colaboração respondendo às questões que serão solicitadas pelo pesquisador, garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com a Orientadora da pesquisa Profa. Dra. Nancy Julieta Inocente (inclusive ligações a cobrar) ou com a aluna pesquisadora Joselma Gomes da Silva, (inclusive ligações a cobrar).

- 4. Sobre os questionários:** Serão agendados com antecedência. Será pedido que você forneça algumas informações básicas e que responda a um roteiro de perguntas sobre a sua experiência de trabalho no Ensino Fundamental – primeira fase.

- 5. Riscos:** A participação nesta pesquisa não traz riscos. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

- 6. Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os relatos de pesquisa serão identificados com um código, e não com o nome.

- 7. Benefícios:** Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento. No futuro, essas informações poderão ser usadas em benefício de outros alunos, professores e gestores da instituição.

8. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação do (a) mesmo (a).

9. Você pode a qualquer momento, retirar seu consentimento, excluindo a sua participação.

10. Após a conclusão estará à disposição no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, uma dissertação contendo os resultados.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participr desta pesquisa.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, quero participar da pesquisa. Eu
_____ portador
de RG nº _____, autorizo a
utilização, nesta pesquisa de dados fornecidos por mim.

Imperatriz, _____ de _____ de 2014.

Assinatura:

Profa. Dra. Nancy Julieta Inocente
Profa. Orientadora

Joselma Gomes da Silva
Mestranda

**ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
INSTITUCIONAL**

TEMA DA PESQUISA:

O ESTRESSE OCUPACIONAL E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO: um estudo com professores dos anos iniciais da rede pública do município de Imperatriz Maranhão

1. OBJETIVO DA PESQUISA:

Verificar sobre o nível de estresse ocupacional e as estratégias de enfrentamento no trabalho, utilizadas pelos docentes do Ensino Fundamental das escolas públicas do município de Imperatriz – MA.

- 2. Participantes da pesquisa:** Docentes que trabalham no Ensino Fundamental – anos Iniciais.
- 3. Envolvimento na pesquisa:** Ao participar do estudo você deverá responder aos questionários. É previsto um único contato com cada participante, que deve durar mais ou menos 20 minutos. Você tem a liberdade de se recusar a participar, sem qualquer prejuízo para você. Solicitamos a colaboração respondendo às questões que serão solicitadas pelo pesquisador, garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser a instituição poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com a Orientadora da pesquisa Profa. Dra. Nancy Julieta Inocente (inclusive ligações a cobrar) ou com a aluna pesquisadora Joselma Gomes da Silva, (inclusive ligações a cobrar) .
- 4. Sobre os questionários:** Serão agendados com antecedência. Será pedido que o professor forneça algumas informações básicas e que responda a um roteiro de perguntas sobre a sua experiência docente;
- 5. Riscos:** A participação nesta pesquisa não traz riscos. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade de nenhum profissional.
- 6. Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os relatos de pesquisa serão identificados com um código, e não com o nome.
- 7. Benefícios:** Ao participação nesta pesquisa não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o estresse ocupacional e no futuro, essas informações poderão ser usadas em benefício da instituição.

8. **Pagamento:** Esta instituição não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, assim como nada será pago por sua participação na mesma
9. Você pode a qualquer momento, retirar seu consentimento, excluindo a sua participação.
10. Após a conclusão estará à disposição no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, uma dissertação contendo os resultados.

SUA PARTICIPAÇÃO: Autorizar a aplicação dos questionários da referida pesquisa nesta instituição educacional.

Após a conclusão da presente pesquisa, prevista para maio de 2015, uma dissertação contendo todos os dados coletados e conclusões, estará disponibilizada na Biblioteca da Universidade de Taubaté – UNITAU, assim como no acervo *on line* desta mesma universidade, bem como, no banco de teses e dissertações da CAPES.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Certo de que seremos atendidos, desde já agradecemos pela autorização, enfatizando que a mesma, em muito contribuirá para a construção de um conhecimento atual nesta área.

Instituição: Universidade de Taubaté - UNITAU – www.unitaupgrad.com.br – (12) 3621-8523

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecidas, Eu _____, função _____, portador (a) do RG n° _____, telefone _____ responsável pelo Setor Educacional da Secretaria Municipal de Educação, autorizo a aplicação da presente pesquisa nas escolas públicas do município de Imperatriz.

ANEXO – AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFRENTAMENTO NO TRABALHO: um estudo com docentes dos anos iniciais da rede pública do município de Imperatriz Maranhão

Pesquisador: Joselma Gomes da Silva Joselma

Versão: 2

CAAE: 42567214.4.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 015472/2015

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFRENTAMENTO NO TRABALHO: um estudo com docentes dos anos iniciais da rede pública do município de Imperatriz Maranhão que tem como pesquisador responsável Joselma Gomes da Silva Joselma, foi recebido para análise ética no CEP Universidade de Taubaté - UNITAU em 06/03/2015 às 08:07.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br